

**Assinaturas**

Ano — — — Cr.\$ 20,00  
 Semestre — Cr.\$ 12,00  
 Pagamento Adiantado

# O GLOBO

Anúncios e Publicações  
 de acordo com a  
 TABELA  
 REDAÇÃO  
 RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373  
 CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 5 de MAIO de 1946

BRASIL

NÚMERO 419

## Encaremos a vida com maior otimismo

ALEXANDRE CHITTO

Como é sabido, a um par de lustros, o mundo vive numa convulsão tremenda. Primeiro a luta pela introdução das diferentes Ideologias políticas: fascismo, nazismo, comunismo e democracia. Depois a divulgação dos nefastos horrores da guerra: mortes, incêndios, mutilações, afundamentos etc. E agora então, fala-se somente em miséria, vida cara, câmbio negro, pessimismo e no indiciso futuro pelo qual a humanidade deve passar ainda.

E a saber que, não obstante, a vida segue o seu curso normalmente. O que foi, o que é naturalmente é e o que deve ser será.

E, entretanto, decretando leis, os governos tentaram alterar ou impedir o ritmo dos acontecimentos que alcançaram nossos dias, porém aparentemente porque, na realidade, eles seguiram a sua marcha devida.

E a quem a humanidade deve o atual estado de coisas? Ao comunista? Ao fascista? Ao democrata? Cada qual pensa ter sido a sua causa vitoriosa para trazer os melhores resultados que o mundo atualmente desfruta. E assim luta prossequindo nas suas intenções.

Todavia, houve uma sequência de fatos que o homem não conseguiu alterar o seu desenvolvimento e aos quais devemos a tremenda tormenta ou a vida feliz dos nossos dias.

Ao homem parece ter feito muito, edificando o pedestal onde pretende erguer o monumento do seu ideal, mas se analisando, ele nada conseguiu e nada obterá ainda que os povos creiam piamente nas promessas dos ipotéticos profetas.

A vida tem o seu curso quasi que natural e pretendo altera-lo bruscamente seria o mesmo que desviar a marcha da natureza.

Então e assim sendo, para que falar somente em miséria, pessimismo, dias negros e profundas transformações políticas se é que não ha poder humano que possa torcer as rédeas da carroagem da vida, fazendo-a marchar pela senda dourada?

Falemos mais em otimismo, saúde, vida sã, em dias melhores que a existência nos será mais feliz e, talvez, um tanto mais facil para vencer.

Diz o adagio: «povo pessimista, povo doente». Então sejamos otimistas, propagando um futuro cheio de esperanças e de riqueza, porque nossa Pátria pode muito bem nos oferecer essas condições.

O que precisamos é enfrentar a vida com maior seriedade, vontade de vencer a tormenta, os reflexos da guerra, isso sim!

## Fiação de Seda Ubirama Ltda.

A construção do prédio, que abrigará a nável Fiação de Seda «Ubirama» Ltda., já se acha quasi concluída.

Conforme nos adeantou, um dos diretores dessa industria, o objetivo principal, é lançar para o comércio, um produto bem manufaturado, de maneira que, os estudos no sentido de adquirir maquinários e sua respectiva instalação, tem merecido a mais cuidadosa atenção.

E em breve, estará em pleno funcionamento, a Fiação de Seda «Ubirama» Ltda., que não representará somente, mais uma industria para nossa cidade, como também uma particula vivificadora de seu progresso, graças a esses pioneiros que idealizaram-na.

### Linha de Onibus

#### Ubirama - Pederneiras

Acaba de ser organizada uma linha de onibus Ubirama — Pederneiras, saindo desta cidade ás 7 horas e chegando ás 18, horário que permite perfeitamente o trânsito dos ubiramenses pela Paulista, num periodo de tempo bem mais curto do que pela Sorocabana, indo a S. Paulo.

### O serviço de alto-falantes regulamentado

O sr. Oscar Fontes, diretor geral do Departamento Nacional de Informações, no dia 2 do corrente, assinou a portaria que regulamenta o serviço de alto-falantes.

### Nessa marcha será fechado o partido comunista brasileiro

De fontes autorizadas divulga-se que na marcha atual dos fatos, será fechado o partido comunista brasileiro, por afomentar a guerra civil e a discórdia entre o trabalhador.

Prefeitura Municipal de Ubirama

### AVISO

A Lançadoria da Prefeitura Municipal de Ubirama, faz ciente á todos os contribuintes que estão sujeitos ao pagamento do imposto TERRITORIAL URBANO, no corrente exercício, no distrito da séde, que o mesmo será cobrado conjuntamente com o imposto Predial Urbano, durante o corrente mês, independente da expedição do competente aviso.

Lançadoria da Prefeitura Municipal de Ubirama, em 4 de Maio de 1946.

(a) **Rogério Giacomini**  
 Escriturario-Lançador

## Festas do mês de maio

No dia 1.º do corrente, tiveram inicio as festas do mês de maio, nesta cidade, e as quais terminarão no dia 31.

## Mais de 60.000 desocupados com a proibição do jogo de azar e jogo do «bicho»

Com o decreto que proíbe terminantemente o jogo de azar e «bicho», ficaram desocupados mais de 60.000 trabalhadores que, para cuja ocupação o governo está providenciando.

## Não ha um relógio que o público possa servir-se na estação da Sorocabana local

Ha muito tempo que estamos reclamando um relógio que o público possa servir-lhe na estação da Sorocabana, local.

Havia um pequeno, porém vivia eternamente parado, desaparecendo depois.

Parece incrível que uma estação como a nossa não haja um relógio de utilidade pública, quando o interesse das estradas de ferro é manter o público ao corrente da hora certa. Manter a hora certa já é uma organização.

E, entretanto, até aqui a Sorocabana não o tem feito, ao menos em Ubirama.

O passageiro chega, deseja confrontar o seu Omega, olha, upa, não ha relógio na estação.

E lá vai ele com o seu «indiciso»!

Assim sendo, solicitamos das partes competentes um relógio para a nossa estação.

Hoje na tela do Cine Guarani as 20 horas  
**Por Quem os Sinos Dobram**

## Efemerides da primeira quinzena do mês de Maio

Dentro das nossas tradições históricas e literárias, tem especial relevância o mês de Maio. Com efeito, é assás apreciável o número de brasileiros sob vários títulos ilustres que, em seu transcurso, vieram conhecer a luz do sol.

No Brasil, ademais, contribuem para dar a esse mês notável significação três grandes datas cívicas, nele ocorrentes: dia 1.º, feriado universal em homenagem ao trabalhador; dia 3, descobrimento do Brasil e dia 13, abolição da escravatura.

Para Igreja Católica é Maio também mês de excepcional importância. É que em todo o seu transcorrer, se rende culto a Virgem Santíssima, razão suficiente para que o nosso povo, religioso, como o é, designe-o de Mês de Maria.

### DIA 1.º

Nasce em 1829, no Ceará, José Martiniano de Alencar, que se tornou famoso simplesmente pelo nome de José de Alencar. Bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo, teve Alencar vida pública intensíssima. Fez parte do Conselho do Imperador, foi quatro vezes deputado pela sua província, lente de direito Mercantil no Instituto Mercantil da Corte, Ministro da Justiça, etc.. Advogado notável, jornalista e jurisconsulto, celebrizou-se no entanto, como romancista e dramaturgo. Publicou grande número de romances e estudos de fundo históricos e genuinamente brasileiros.

É Alencar um dos nossos máximos representantes do movimento romântico e também da reação que aqui se operou em favor de uma literatura, uma arte nacional, que se contrapoz assim àquela outra, feita puramente de imitação dos modelos portugueses e franceses. Em o Guarani, As Minas de Prata, Iracema, O Sertanejo, revelou-se Alencar ficcionista vigoroso, paisagista delicioso, lírico profundo. Alencar, cuja influência em nossa literatura é grande, teve numerosos seguidores. Faleceu no Rio de Janeiro em 1877.

### DIA 1.º

Nasce em 1868, no Estado de Minas Gerais, Afonso Arinos de Melo Franco, conhecido simplesmente por Afonso Arinos, uma das mais legítimas e expressivas glórias de nossa literatura. Bacharel pela Faculdade do Diretor de São Paulo, membro da Academia de Letras, brilhante jornalista, Afonso Arinos tornou-se caro aos brasileiros por sua esplêndida obra de escritor, de felicíssimo narrador, que buscou inspiração para os seus contos e narrativas na vida prodigiosa de nossos melhores homens, o sertanejo, o caboclo rijo e franco. Afonso Arinos como Euclides da Cunha, foi um enamorado do sertão e um glorificador das reais virtudes da raça brasileira.

Faleceu em 1916, em Barcelona.

### DIA 1.º

Nasce em 1828, em Mogi Mirim, São Paulo, João Teodoro Xavier de Matos, conhecido simplesmente por João Teodoro. Foi formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo, de que se tornou mais tarde catedrático de direito civil. Exerceu os cargos de promotor público e procurador da Tesouraria da Fazenda. Por período que vai de 1872 a 1875 foi presidente da Província de São Paulo, tendo se mostrado, então, administrador competente e íntegro, prestando a causa pública relevantes serviços.

### DIA 3

Nasce em 1660, na Baía, Sebastião da Rocha Pita. Formado em Cânono pela Universidade de Coimbra, regressou ao Brasil e aqui ocupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria dos ordenanças. Após seu casamento recolheu-se a uma fazenda que possuía às margens do Paraguaçu.

## Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital . . . . . Cr. \$ 12.300.000,00

Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

**SÉDE CENTRAL:** São Paulo -  
Rua do Bento, 341

### FILIAIS:

Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

**AGÊNCIAS:** Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná) — Campinas-Cruzeiro — Jaboticabal — Jacaré — Jajú-Lorena — Mogi das Cruzes — Mogi Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama - (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

### Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa  
C/C. Limitadas Juros 5% aa.  
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio — taxas especiais a combinar.

### TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em **UBIRAMA:** Rua 15 de Novembro, 779

Culto, e dispondo de tudo quanto na época poderia desejar para um largo trabalho histórico, resolveu-se a escrever a História da America Portuguesa. Consultados os documentos existentes no Brasil, Rocha Pita foi a Europa, a estudos, conseguindo em 1730 dar á publicidade o seu trabalho. Este, não obstante o estilo gongórico, é de conteúdo interessante, possuindo valor histórico. Cabe, ademais, a obra de Rocha Pita o mérito de ser uma das primeiras tentativas de esboço panoramico da história de nosso país.

Faleceu o ilustre historiador em 1738.

### DIA 3

Nasce em 1819, no Rio de Janeiro, Antonio Joaquim Ribas, mais conhecido por Conselheiro Ribas. Foi discípulo de Julio Frank, e, mais tarde, seu substituto na Faculdade de Direito de São Paulo. Suas aulas sobre «História Universal» grangearam-lhe fama de professor emérito. Exerceu a advocacia. Publicou obras jurídicas de notável valor. Faleceu em 1891.

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces,  
petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

## Continua fraquíssima a iluminação pública nesta cidade

Ainda que a imprensa local venha, insistentemente fazendo alusão de que a iluminação pública nesta cidade continua fraquíssima, dando triste aspecto á nossa «urbs» mesmo assim, não se está tomando medidas que o caso requer.

E não é só, agora somos informados que algumas casas comerciais ubiramenses pretendem instalar lâmpadas fluorescente e, entretanto, não o fazem porque as mesmas não trazem resultado prático, visto á baixa voltagem. E os estabelecimentos comerciais que já as têm são forçados, quasi todas as noites, substitui-las por lâmpadas comuns.

E outra, somos informados também que certos discos do Cine Guarani, são virados a dedo, não ha força suficiente para faze-los girar.

E onde e em quais cidades se dão tais fatos? Só e unicamente em Ubirama, Ubirama esquecida.

Se é que as informações que estamos colhendo não mentem, dentro em pouco, faremos uma publicação comparativa da Luz de Ubirama e de outras cidades.

## AVISO

A Prefeitura avisa que é espressamente proibido atirar cascas de frutas e papeis nas ruas. Assim sendo, será possível ter as principais artérias da cidade um tanto mais limpas.

## Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

## Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

## Dr. João Paccola Primo

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

## Grupo Escolar "Esperança de Oliveira"

### CAIXA ESCOLAR

Balancete do mês de Abril de 1946

#### Receita

Saldo que veio do mês de março	2.688,50
Contribuição dos Snrs. Pais de alunos	144,00
Contribuição dos professores e diretor	27,00
	<hr/>
	2.859,50

#### Despesa

Pg. Irmãos Luminatti - 7 (sété) cartilhas documento n.º 3	28,00
Pg. Farmácia Coração de Jesús - fornecimento medicamentos - doc. n.º 4	34,00
Pg. S/A Luiz Paccola fornecimento uniforme 60 alunos - docum. n.º 5	1.100,00
Saldo que passa para Maio (Cader-neta 218 da Caixa Econômica)	1.697,50
	<hr/>
	2.859,50

Ubirama 30 de Abril de 1946

João B. Viana Nogueira  
Diretor

Orlando Candido Machado  
1.º Tesoureiro

Antonieta E. Yoffi Grassi  
Presidente

## O Preceito do Dia

### COMPLEXO DE INFERIORIDADE

Os pais nunca devem lançar em rosto dos filhos defeitos físicos que estes tenham.

Nem mesmo convem lembrar-lhes essa condição desagradável. Quando o fazem, concorrem para que a criança passe a se considerar inferior ás demais e perca a confiança em si, torvando-se, assim, presa do que se chama "complexo de inferioridade".

Se seu filho apresenta algum defeito físico, procure incutir-lhe, com habilidade, a convicção de que isso nada lhe diminui a capacidade. — SNES.

## ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530  
Caixa Postal, 9 — UBIRAMA

Depart. Juridico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261  
AGUDOS

## Proibido o jogo de azar em todo o território nacional

O Presidente da República General Eurico Gaspar Dutra, no dia 30 do mês passado, assinou o decreto proibindo o jogo de azar, em todo o território nacional.

E com isso, ficou também proibido o jogo de «Bicho».

## IMPOSTO DE INDUSTRIA E PROFISSÕES

Fazemos saber aos srs. interessados que a Coletoria Estadual já está recolhendo o imposto de Industria e Profissões, relativo ao 2.º semestre.

## A SÍFILIS

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

## ELIXIR DE NOGUEIRA

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:

REUMATISMO  
ESCRÓFULAS  
ESPINHAS  
FÍSTULAS  
ÚLCERAS  
ECZEMAS  
FERIDAS  
DARTROS  
MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"  
CONHECIDO HÁ 85 ANOS  
VENDE-SE EM TODA PARTE

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

## Que me importa...

Na luz dos teus olhos não sei que inigma ha para mim decifrar. A's vezes, olhas-me ducidamente, mas depois, mudas a posição do olhar como reprovando-o de haver pousado sobre o meu.

O poeta diz que os olhos são as janelas da alma e no peitoral das quais o coração vem manifestar se.

Sim! Mas, por mais que eu mire as tuas pupilas, só vejo um esplendor inigmático, confundindo-me.

E aí fico pensando qual será o segredo daquele brilho, tal uma gota de orvalho matutino, refletindo ao sol, entretanto ocultando o segredo da sua esplendorosa magnificência.

Assim os teus olhos, são as janelas da alma, mas que me importa se a sua luz não tem a missão de revelar-me o que tu sentes? Que me importa...

LISSER

## Aniversários

Fez anos ontem o menino Nilzo Capelari, filho do sr. Silvio Capelari.

Fazem anos:

Hoje, o menino Milton Pereira e o menino João José Coneghan, filho do sr. Antonio Coneglian Sobrinho.

Dia 6, completa mais um aniversário de sua promissora existência o dr. João Paccola Prino, clinico aqui residente; a menina Joana Antonia Paccola e a sra. Olimpia Lorenzetti Paccola, residente em Bernardino de Campos.

Dia 7, o distinto jovem Rangel Pietraroia, residente em Marília; o menino Lidio Bosi Junior, filhinho do sr. Lidio Bosi e d. Carolina P. Bosi; a sra. Assunta Ciccone e d. Yolanda C. Prado, esposa do sr. Joaquim da Silva Prado, residente em S. Paulo.

Dia 8, o jovem Alfredo Braga, residente em S. Paulo; o menino Lorival Paccola, filhinho do sr. Alexandre R. Paccola e d. Elza G. Paccola; e a srta. Dalva Regina, filha do sr. André Baccili.

Dia 9, a sra. Amelia Campanari, esposa do sr. Flavio Campanari; a sra. Estela Campanari e a menina Marly, filha do sr. Paulo F. Rosa.

Dia 10, a srta. Zelinda B. Coneglian, esposa do sr. Antonio Coneglian Sobrinho; a srta. Luiza Fantini e a menina Carmen Ligia Paccola, filhinha do sr. Alexandre R. Paccola e d. Elza G. Paccola.

Dia 11, a srta. Lina de Santis e srta. Lourdes Grotti, residente em Avaré.

## Nascimento

No dia 25 do mês p.p., nasceu nesta cidade o menino Marcos Antonio, filhinho do sr. Miguel Langoni e d. Tereza Maria A. Langoni.

Hoje no Cine Guarani às 20 horas

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

## Não houve vencedor no jogo de domingo último em Bauru, entre Noroeste e C.A. Lençoense

Ambos os quadros disputaram uma partida de merecer o empate. - Ótima atuação do árbitro.

Em continuação ao torneio da 5.a região, domingo último, disputaram, em Bauru, o Noroeste e C.A. Lençoense, terminando a pugna sem que fosse aberta a contagem.

Foi um embate de grande sensação, movimentadíssimo, um certame que viverá por muito tempo na memória da numerosa torcida que se acotovelou ao redor da «canha» noroestina.

Não foi o encontro como divulgou a imprensa bauruense, fraco e desprovido das belas características que empolgam a assistência e isso porque o Noroeste esteve aquém das suas grandes possibilidades. Ao contrário, ambos os contendores empenharam-se a fundo para não ter violada a sua cidadela. Se o Noroeste marcou 7 escanteios contra 2, esse resultado não representa, em si, o que verdadeiramente foi a partida. Os lençoenses equilibraram o jogo e não por poucas vezes tiveram a ocasião de consagrar-se vencedores, como, aliás, a tiveram os vermelhinhos. Afirmar que a turma noroestina podia ter uma atuação mais destacada é não reconhecer o esforço da turma de Lamônica que, não obstante as credenciais dos seus atacantes, sempre se viu barrada diante da «fortaleza» lençoense.

Os noroestinos não podiam fazer mais, domingo último, frente ao nosso onze. E não é que a defeza lençoense jogue pesadíssimo. Pesado atuou a retaguarda vermelha que, na primeira fase, principalmente, quando os lençoenses mais fizeram sentir a sua pressão, o árbitro teve que reprovar, severamente, jogadas de Godê, Chocolate e Balbino, da linha média em fim.

Pouco fez o nosso quinteto de ataque isso

sim, que, não podendo coordenar, dada a inclusão de vanguardeiros á última hora, não revelou verdadeiramente as suas possibilidades produtivas.

Assim sendo, dizer que o Noroeste jogou mal porque foi obrigado a um empate, em seu próprio campo, não é querer afirmar a verdade. E' que o otimismo noroestino ia ao extremo, domingo último, pensava-se derrotar os lençoenses por elevada goleada, comparando-se os jogos efetuados com Pederneiras. Porém, isso não se deu e os lençoenses colheram um merecidíssimo empate.

Arbitrou a partida o sr. Francisco Kohn Filho, da F.P.F. atuando otimamente, principalmente no que se refere ás jogadas pesadas, aliás, peculiares á

zaga noroestina, que as reprendia terminantemente.

O sr. Kohn está em desacordo com a nossa opinião quanto á prorrogação de cinco minutos da segunda fase, pouco justificavel a nosso ver.

Os quadros alinharam-se assim: Lençoenses — Oberdam, Limão, Imparato; Nuccio, Ilmo, Belfare; David, Bizzorro, Abilio, Mano e Tite. — Noroestinos — Helio, Xandú, Irineu; Godê, Chocolate, Balbino; Lamônica, Crisanto, Albercio, Pedrinho e Ferreirinha.

## Em Botucatu

Jogando no dia 1.º em Botucatu, contra A.A. Ferroviaria, o C.A. Lençoense empatou por 1 a 1.

## Torneio Varzeano

Como foi amplamente divulgado, hoje, no campo do C. A. Lençoense, terá lugar o torneio varzeano, tomando parte dez clubes dos arredores ubiramenses.

## PERDERAM-SE

Perderam-se os seguintes objetos: uma corrente, uma figa, uma medalha e um alfinete com os

dizeres Maria José.

Pede-se a quem os encontrou entrega-los na casa do sr. Antonio Zillo, que será recompensado.

Dr. Antonio Tedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Floriano Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

## É DE SUMA NECESSIDADE

uma caiação nas casas residenciais, ao menos as da rua 15 de Novembro e que se acham bem escuras, devido o pó.

Como sabemos, por falta de luz, á noite, a nossa cidade toma um aspecto bem triste. E por mais que esta folha tenha feito solicitações á companhia, Ubirama continua como uma vagabundíssima aldeiola.

Ora, para que diminua ao menos um tanto por cento o estado triste que a nossa cidade apresenta

em sua vida noturna, seria de toda conviniência que os senhores proprietários de prédios, situados á rua 15 de Novembro principalmente, os passem por uma caiação, mormente os mais necessitados.

Assim, ter-se-á correspondido para melhorar o aspecto desta nossa Ubirama tão abandonada.

## NO REGIME DAS HOMENAGENS

# COMERAM, BEBERAM E FALARAM O ANO INTEIRO

Mais de 8.000 banquetes, jantares, almoços e "cock-tais" realizados no ano de 1945 — Má comida e piores vinhos regados com a péssima literatura de cêrca de 40.000 discursos — Um vício que está se transformando numa verdadeira calamidade pública — É preciso pôr um paradeiro nessa enxurrada de homenagens constrangedoras para os próprios homenageados.

Desde tempos imemoriais, em que os nossos ancestrais viviam nas cavernas, comendo carne crua e, nas horas vagas, matando-se uns aos outros, entre outros atos fisiológicos, o homem conservou o hábito de comer em agrupamentos que foram se tornando mais ou menos cordiais à medida que se transformavam de feras vestidas de linho ou casemiras finas.

Através dos milênios esse hábito de comer coletivamente — a que hoje, pomposamente, denominamos "banquetes" — tem resistido a todas as evoluções. Hoje ainda é uma festa — e de mau gosto — sentarmos à roda de uma mesa cheia de acepipes para festejarmos qualquer coisa.

### OS BANQUETES DE HOJE

Perdura, ainda hoje, apesar de tudo, esse mau hábito de banquetear-se por qualquer motivo ou sem motivo nenhum. É verdade que esse hábito evoluiu muito, mas nem por isso perdeu as características grosseiras dos outros tempos. A "mayonnaise" substituiu a carne crua e o garfo substituiu as mãos dos nossos avós que, antes de servir as senhoras como é uso corrente, avançavam na churrasqueira, deixando de lado as mulheres, as crianças e os velhos. Era a lei do mais forte. Comia quem tinha força e os débeis deviam contentar-se com as sobras do festim.

A era dos césares assinalou-se pela pompa das comedeiras. Ao redor de mesas bem sortidas o Imperador e os súditos em graça, passavam dias, e até semanas, devorando pratos raros, aves exqu岸itas vindas do longínquo Oriente e vinhos de todas as partes conhecidas da Terra. Comiam animalêscamente, bebiam como esponjas e depois vomitavam para recomeçar a brutalidade. E, naquela época, parece que não era conhecida a úlcera de estômago, porque essa gente resistia longos anos e atingia avançada idade.



## COMO A UVA ENTROU NA EUROPA



Não se sabe ao certo por que porta entrou a vinha na Europa. Mas acredita-se que tenha vindo da Ásia. Diz a Bíblia que quem primeiro plantou uma vinha foi Noé e — nada mais justo! — foi

ele também o primeiro homem que se excedeu nos prazeres do vinho. O que se pode afirmar é que, já há dois mil anos da era cristã, os chineses conheciam a uva, que de lá se passou para a Pérsia. Acredita-se também que os fenícios tenham feito plantações dessa fruta junto do mar Negro. Daí, possivelmente o caminho mais curto para a Europa. As notícias mais remotas de cultura da vinha no velho continente nos vêm da Grécia e da Itália, onde ainda é cultivada com intensidade. Uma colônia de gregos, tendo fundado a cidade francesa de Marselha, fez uma plantação de vinha nesse porto, devendo-se a esses colonizadores as maravilhas de vinho que todos conhecem e alguns apreciam.

Nos regabofes de hoje não se vai a tanto. Comem e bebem discretamente. E não fazem coisas feias, a não ser intermináveis discursivas que, longe de fazer-lhes mal, ajudam a digerir as péssimas comidas desses restaurantes que têm a sua maior receita nessas festas semi-pagãs e de tal mau gosto que deixariam Nero envergonhadíssimo pela degenerescência atingida pelos festins famosos.

### QUALQUER MOTIVO SERVE...

O banquete — isto é, a comida coletiva — longe de desaparecer parece entrar-se, cada vez mais, nos hábitos do homem mo-

### Reportagem de PONTES DE MORAES



O maior reduto desses cavalheiros improvisadores de banquetes e homenagens, com ou sem razões, são as repartições públicas e qualquer chefe é a "vítima" escolhida para essas incríveis e imorais bajulações.

A lista corre pelos departamentos ou secções, conforme o grau de prestígio do homenageado. Funcionários modestos, de poucos re-

anos e o que devia fazer em cinco ou seis anos fez num só.

O que é incrível é que esses "gênios" depois de 20 ou 30 anos de luta conseguissem, à custo, ser gerente de qualquer coisa ou auxiliar do sub-chefe de qualquer secção de uma repartição pública.

As folhas lidas vão se amontoando. O pessoal do regabofê, sob os efeitos dos vinhos ordinários e da má comida, cochila. Outros conversam em surdina, que vai se elevando de tom. Acabam por esquecer o orador e passam a tratar de coisas mais interessantes, as intriguinhas da repartição. As úl-

bajulação. O mau vinho espumante, então, é bebido de pé, sob palmas. Geralmente o autor do "brinde de honra" está na bica para a promoção e disputou ferozmente a sua escolha para essa missão.

### MAIS DE 8.000 BANQUETES.

E quem sofre é o reporter — participe obrigatório dessas festas. Come mal, bebe pior e ainda tem que tomar notas de todas as asneiras, porque a reportagem foi recomendada. A última hora, sobrando a papelada da discursaria que ele tem que "cozinhar", vai saindo. Mas chega um "cavalheiro" e fala-lhe em segredo. Tinha aprontado aquele discurso, mas não tivera oportunidade de lê-lo. Ele não faria questão. É modesto, mas os "amigos" — devem ser os "amigos da onça" — pediram encarecidamente que ele mandasse publicar. Ali está o discurso. São "frases desalináveis" — e quase sempre é isso mesmo — "palavras modestas" mas "sinceras". O reporter, já com raiva, pega tudo aquilo e vai para a redação digerir aquela massada toda, arrotando o mau almoço e os péssimos vinhos que o "garçon" serviu escondendo, com a toalha o rótulo da garrafa.

Mas a nossa vingança é que 90% dessas "obras primas" vão para a cesta, rasgadas com várias pragas e maldições, das quais o "homenageado" nunca escapa.



Para ilustrar isso tudo que fica vamos contar uma coisa aos nossos leitores. No ano passado, segundo dados colhidos na capital paulista — que, acreditamos, não será a campeã nessa prova — realizaram-se para mais de 8.000 homenagens, em apenas quinze dos grandes restaurantes de movimento.

Isso, numa época de crise e restrições, constitui uma calamidade que precisa de um paradeiro.

Vão comer no inferno!



## O TABACO NÃO FAZ TANTO MAL ASSIM

Todo mundo vive falando mal do álcool e do tabaco. Quando o alguém tem insônia ou não passa o dia perfeitamente bem, é comum o conselho: largue o álcool e o fumo e você verá que mudança! E logo



argumenta que o fumo faz um mal louco ao coração. Pois, isso não é bem assim. Em um estudo publicado em um grande jornal norte-americano, um especialista em moléstias de coração, o Dr. Harrison Gepp, afirma categoricamente que o tabaco não ataca o coração de uma pessoa sã. Fazendo experiências em laboratório, o Dr. Gepp verificou que cobaias depois de receberem injeções em dose maciça de nicotina apresentavam menos lesões cardíacas no fim de seis meses do que suas colegas que haviam sido injetadas com água salgada. No final de seu estudo, o Dr. Gepp diz textualmente: "A nicotina por si mesma não produz enfermidades orgânicas cardíovasculares".



Comeram, beberam e falaram o ano inteiro, oito mil vezes, numa só cidade!

verno, essa fera que, não podendo comer carne crua, destrói os seus semelhantes pelos mais modernos processos, como se viu nas conflagrações de que estamos saindo.

Em nosso país o banquete, o regabofê, transformou-se em verdadeira calamidade pública. Tornou-se uma verdadeira instituição que está ficando cada vez mais odiosa. Os motivos para os banquetes, jantares ou almoços são os mais variados e os mais fúteis. Também não é necessário que haja qualquer motivo.

As listas correm incessantemente recebendo adesões. Elas chovem. Os preços variam conforme as possibilidades financeiras do grupo onde o "homenageado" vive.

Fulano ganhou um emprêgo de 3 ou 5.000 cruzeiros. Lá vem o almoço. Sicrano comprou uma casa. Outro almoço. O "seu" Brederodes foi promovido na repartição. Um chá em cima dele. A cachorrinha do "seu" Inácio teve uma porção de cachorrinhos. Um banquete. As comissões organizam-se com uma rapidez incrível. Escolhem as figuras mais importantes da amizade do "seu" Brederodes ou do "seu" Inácio. Essas amizades importantes ficam constrangidas com o papel aborrecido que vão fazer, mas aceitam. E as colunas dos jornais enchem-se de notas.

"Por motivo da nomeação do seu fulano de tal dos anzóis carapuças para um cargo de 5.000 cruzeiros mensais, os amigos e admiradores vão lhe oferecer um banquete em dia, hora e local que serão previamente anunciados. As adesões são recebidas pelos senhores fulano, sicrano e beltrano ou pelos telefones tais e tais".

curso e que vivem trabalhando no trapézio o ano inteiro para fazer frente aos inevitáveis "deficits" do seu orçamento doméstico, ficam entre a cruz e a caldeirinha. Ou caem com os 50 ou 100 cruzeiros ou se expõem às possíveis iras do pequeno "cesar" da repartição que teve o cuidado de anotar cuidadosamente, na memória, os funcionários que "compareceram" ao jantar.

Os banquetes e as homenagens, pelo caráter que assumem, constituem, por si só, espetáculos vergonhosos que deviam ser combatidos e até proibidos. Mas a vergonha atinge o seu climax na hora angustiante da discursaria. Depois, muitas vezes, de uma péssima comida e de bebidas falsificadas, chegamos à sobremesa, a clássica sobremesa, que é a palavra de ordem para o orador principal.

Faz-se silêncio. O orador puxa uma papelada do bolso. Quase uma resma de papel datilografado ou escrito em letra miudinha. A vida do homenageado começa a ser indiscretamente esmiuçada. Todos os seus capítulos, desde o nascimento, pelo qual não é responsável, transforma-se em atos heróicos, verdadeira cavalaria antiga. Quando o bicho entra no ginásio os seus feitos tornam-se verdadeiras epopéias. Geralmente é um "gênio" ou um "super-homem". Aprendeu a ler sozinho. Tocou piano aos dois anos e meio. E quando o professor quis lhe ensinar latim e grego ficou desmoralizado com a tentativa, pois que o garoto já lia Cícero como quem lê programas de cinema. No ginásio não foi um menino normal. Pulou vários

nomes. Geralmente os nomeados, inclusive o homenageado passam a ser "burros", "touceiras" e outras coisas piores.

O "orador" continua a amontoar folhas datilografadas e, num certo momento se atrapalha com a luz da lâmpada fotográfica. Fica furo porque o fotógrafo não avisou e não pôde fazer uma "pose". E no dia seguinte o Demóstenes verifica que saiu de boca aberta, na mais lamentável atitude.

Quando a biografia da "vítima" atinge a sua carreira atual — sim, porque ele tentou várias vezes e fracassou numa porção delas — a bajulação chega a ser indecorosa. Torna-se o "reformador", o "homem de visão ampla como o deserto do Saara", o "condutor", o "amigo dos amigos" e outras torpesas.

Seria uma maravilha se fôsse só esse. Mal se acomoda levanta-se outro e assim vem o segundo, o terceiro, o quarto, etc. Já decorreram três horas da sobremesa até ali. Finalmente levanta-se o homenageado. Vem nova resma de papel. Começa com frases modestas. Não é nada de que o "acusam". É verdade que é um esforçado, mas deve "o que é" aos auxiliares que "são verdadeiros amigos". Eles, sim, é que estão construindo o porvir da Nação". Ele, o orador, é um "simples instrumento da Providência". Os heróis são "os colaboradores anônimos e modestos" que cercam aquela mesa.

Mas quando esse orador acaba de falar não quer dizer que acabou o falatório. Levanta-se o mais graduado. Vem o "brinde de honra". São outras tiradas de incrível

# Como foi debelada a febre amarela no Rio de Janeiro

Foi muito caluniado o Brasil, por causa da febre amarela. Essa doença, porém, não era brasileira.

De onde veio a febre amarela? Qual foi o seu berço? O livro mais antigo que existe sobre a febre amarela foi editado em Portugal em fins do século XVII, sendo o seu autor o médico João Ferreira da Rosa, que observou essa doença em Olinda (Pernambuco), em 1867.

Esta informação é de origem francesa.

Tórres Homem, em seu precioso livro "As Febres do Rio de Janeiro", diz que essa epidemia teve lugar em 1686, e assegura que a doença foi "importada para aquela província por um navio procedente de São Tomé, que tinha entre o seu carregamento grande quantidade de carne podre".

A fonte francesa em que colhemos estas informações dá-lhe outra origem.

Ela diz que esse flagelo apareceu em Pernambuco logo depois da conquista ou, antes, reconquista, que uma esquadra portuguesa fez daquela província do Norte, fazendo presumir que alguns dos navios dessa esquadra tivessem tocado em alguns pontos, quiçá, da África, onde a febre amarela fosse endêmica.

Parece-nos que esta hipótese seja a mais acertada.

A mesma fonte informa que a epidemia foi terrível e durou sete anos! Mas a história da febre amarela deve recuar até a descoberta da América, porque Humboldt diz que ela sempre existiu nos países da América do Sul equatorial.

E, com efeito, os primeiros europeus a sofrerem. Ullóa, falando das "Chepetonadas" ou febres "que atacavam os europeus que vinham para as Índias Ocidentais", aponta o vômito preto entre os seus sintomas principais. Talvez a febre amarela tivesse outros nomes (mais do que um), nos primeiros tempos da descoberta da América. Os espanhóis em alguns pontos do novo mundo a denominavam "Vomito prieto". E acrescentavam que era "uma doença indígena".

Essa doença foi conhecida em Guaiacul antes de 1740, em Santa Marta e Cartagena, antes de 1730.

A primeira epidemia em Santa Marta foi descrita pelo médico espanhol Juan José Gastelbondo.

Depois dessa época, quase não deu sinal mais de si a febre amarela nos domínios espanhóis da América. Mas apareceu nos Estados Unidos e no Senegal. No México foi denominada "Matlaza-Hualt".

O fato mais importante foi a observação popular que notou desde o século XVII: 1.º que não havia febre amarela no tempo do frio, quando o termômetro baixava a 16º (é que o mosquito seu transmissor, a 17º, entra em hibernação, dorme!); 2.º que "o optimum" era a 28º; 3.º que não era contagiosa de homem a homem.

E foi coisa admirável o povo ter observado, ainda no século XVII, que havia toda a analogia entre a febre amarela e o impaludismo.

Hoje os médicos sabem de onde vem essa analogia: ambos são transmitidos pelo mosquito.

E nas temperaturas extremas, quando faz calor de mais (acima de 32º), ou quando faz frio (abaixo de 17º), os mosquitos não "trabalham", como dissemos, entram em hibernação, e não transmitem a febre amarela ou o impaludismo.

Esses mosquitos, porém, são diferentes. Os que transmitem a febre amarela pertencem à sub-família dos "culicídios" (gênero "stegomyia"), ao passo que os que transmitem o impaludismo pertencem à sub-família das "anophelinas" (Theobald).

Em princípios do século XIX, em 1803, Costanzo, coronel do corpo de engenheiros espanhóis, observou, pela primeira vez, a rela-

*Bignami, o primeiro médico que conseguiu transmitir a malária de um homem a outro, pela picada de um mosquito infeccionado, foi o precursor da glória de Oswaldo Cruz*

ção que havia entre as águas paradas (tome nota o povo!), e os surtos de impaludismo. Mas ele supunha que o mal viesse da evaporação dessas águas...

Em 1822, James Hardie confirmou a observação popular do século XVII, isto é, após muitas experiências, verificou que a febre amarela não era contagiosa; não "pegava" diretamente do doente ao sã.

Do mesmo parecer se manifestou cerca de meio século mais tarde o professor Tórres Homem; e à mesma conclusão chegaram as experiências americanas em Havana, em 1900.

A febre amarela no Rio de Janeiro só se fixou em 1849. Diz Tórres Homem que os primeiros casos de febre amarela foram importados de Havana pela barca "Navarra", que ali chegou em dezembro de 1849: "Foi no dia 27 de dezembro do mesmo ano (1849) que apareceram os primeiros casos nesta corte: dois homens vindos na barca americana "Navarra", e recolhidos à Santa Casa de Misericórdia; quatro outros encontrados no "Public-House Frank", situado na rua da Misericórdia, e dois outros trazidos pelo vapor "D. Pedro", vindo da Bahia".

"O ano de 1850 começou tétrico para a cidade do Rio de Janeiro (Plácido Barbosa, "Cem anos de serviços de Saúde Pública"). Morria muita gente! Fechavam-se casas, pela morte total dos seus moradores, e ruas ficavam desertas, como aconteceu em Botafogo, pelo fechamento de todas as suas casas!"

"O governo, diz Plácido Barbosa, compreendendo devidamente a gravidade extraordinária da situação, pôs de lado considerações de qualquer ordem, e só teve em mira a defesa da saúde pública.

É assim que, tomando a si a direção do serviço sanitário da cidade, apressou-se em consultar a Imperial Academia de Medicina sobre os meios de prevenir a propagação do mal, ao mesmo tempo

## De FRIDO DA MEZZANA



que dava igual incumbência a uma comissão médica, pela qual mandou também verificar a existência da moléstia nos doentes que se haviam recolhido ao Hospital da Misericórdia. Confirmada essa doença, foram logo postas em prática as medidas aconselhadas ao governo".

Essas primeiras medidas constaram de:

## PRECAUÇÃO

Ludovico, duque de Milão, mostrava, certo dia, a alguns embaixadores a magnificência e riqueza do seu palácio. Depois de fazer ver que era ele o mais rico principado da terra, exclamou:

— Que mais pode desejar um homem que possui tesouros como eu e essas obras de arte que a fortuna me legou?

— Precisa de uma grossa tora de madeira... — respondeu um dos embaixadores, muito sério.

— E para que? Por que precisarei eu de uma tora? — indagou o duque, surpreendido.

— Para deter a roda da fortuna, e não permitir que ela rode para trás...

## SOLUÇÃO FENICIA

O célebre advogado russo Lokhvitzi defendeu a causa difícil de um seu cliente e a ganhou. Este, cheio de alegria, foi procurá-lo.

— Oh! meu caro doutor, como poderei demonstrar a minha imensa gratidão?

— Meu amigo — respondeu o advogado tranquilamente — depois que os fenícios inventaram a moeda, essa pergunta tornou-se inútil...



# Bom, mas não muito

(DO LIVRO "CONTOS", DE MALBA THAN)

*A diligência, entre nuvens de poeira, rolava aos trancos pela estrada. Alguns passageiros, de braços cruzados meditavam em silêncio. Ouviam-se, de quando em vez, os gritos estridentes do boleiro. Na minha frente, dois camponeses conversavam. Um deles, que parecia o mais velho, falava desta sorte:*

— Tenho agora um magnífico pomar em minha casa.

— Isso é que é bom — ajuntou o outro, com um sorriso de vulgar e lórpa amabilidade.

— Bom, mas não muito — respondeu o velho — pois tenho tido, com o pomar, um trabalho excessivo.

— Isso é que é mau!

— Mau, mas não muito. Graças ao novo pomar ganhei algum dinheiro e com esse primeiro lucro comprei um porco.

— Isso é que é bom!

— Bom, mas não muito. O porco fugiu-me de casa, e foi para o quintal do vizinho que se apoderou dele e o matou.

— Isso é que foi mau!

— Mau, mas não muito. Dei queixa ao juiz e o meu vizinho foi obrigado a me pagar uma boa indenização.

— Isso é que foi bom!

— Bom, mas não muito, pois o tal vizinho, em represália, soltou os cabritos no meu pomar.

— Isso é que foi mau!

— Mau, mas não muito. Matei os cabritos e vendi as peles na feira.

— Isso é que foi bom!

— Bom, mas não muito...

*Aquela conversa já começara a fazer-me mal aos nervos. Resolvi descer da diligência mesmo em movimento; fui, porém, tão infeliz que tropecei numa pedra e caí.*

Isso é que foi mau! — dirá naturalmente o leitor.

Mau, mas não muito. Pois só assim fiquei livre de ouvir, durante algumas horas, uma história que parecia não ter mais fim.

Isso é que foi bom!

vam profundamente o problema da malária no "Agrum" romano. e Bignami (de Roma) foi o primeiro médico do mundo que conseguiu transmitir o impaludismo (a malária) de um homem a outro homem, pela picada de um mosquito infeccionado. E foi essa experiência famosa, realizada em Roma, em 1896, se não nos enganamos, que serviu de base às experiências de Havana para a descoberta da transmissão da febre amarela.

Em 1881, Finlay teve a suspeita de que essa doença fosse transmitida pelos mosquitos; mas ninguém o acreditou: "Ninguém é profeta no seu país!"

Começou o novo século e, com ele, a guerra de Cuba. Ocupada Cuba, pelos norte-americanos, estes compreenderam, logo, que os americanos poderiam fazer progredir aquela ilha e colherem os frutos de sua vitória, sem extinguir dali o flagelo da febre amarela, que afugentava, como tético espantoso, a vida e o progresso daquela terra feunda.

Os americanos, ao que parece, tinham grande fé na Ciência Italiana, porque as primeiras experiências que fizeram foram com o "bacilo icteróide de Sannarelli", bacilo descoberto no Brasil pelo prof. italiano Sannarelli, e que, segundo se pensava, fosse o agente causador da febre amarela.

Essas primeiras experiências falharam. Então, baseando-se nas experiências de outro médico italiano, do professor Bignami (da Universidade de Roma), procuraram verificar se os mosquitos também transmitiam a febre amarela, como o Bignami tinha conseguido transmitir a malária. A comissão nomeada pelo governo norte-americano, comissão que se tornou histórica, sob o nome de "Comissão de Havana", era composta por Walter Reed, Jesse Lazear, James Carroll (americanos), Aristides Agramonte (italiano). Como se vê, até nessa histórica e brilhante conquista contra a febre amarela, a Ciência Italiana estava presente representada por Agramonte. Tendo falhado as experiências com o "bacilo icteróide", e julgando por analogia com a malária, a transmissão da febre amarela pelos mosquitos, baseados nos trabalhos de Roma, realizados por Bignami, lembraram-se, então, de convidar Finlay (médico de Havana), que, desde 1881, "desconfiava que a febre amarela fosse transmitida pelos mosquitos", chegando a indicar qual era esse mosquito: o "stegomyia fasciata!"

Começaram as experiências, a que se submeteram, voluntariamente, oito eminentes espanhóis, três soldados americanos, e Lazear, que morreu pela Humanidade, fazendo-se picar por um mosquito que tinha picado antes um doente de febre amarela, adoecido havia menos de três dias (o micróbio da febre amarela fica no sangue dos doentes só três dias). Em homenagem ao Dr. Lazear, o campo onde se estavam fazendo as experiências foi denominado "Campo de Lazear".

Devia-se esperar pelas famosas experiências de Havana.

Mas a Ciência Italiana ainda devia servir de base para as experiências de Havana!

Bignami, Celli, Grassi, Marchiava, e o então jovem Bastianelli, e outros cientistas italianos estuda-

ram profundamente o problema da malária no "Agrum" romano. e Bignami (de Roma) foi o primeiro médico do mundo que conseguiu transmitir o impaludismo (a malária) de um homem a outro homem, pela picada de um mosquito infeccionado. E foi essa experiência famosa, realizada em Roma, em 1896, se não nos enganamos, que serviu de base às experiências de Havana para a descoberta da transmissão da febre amarela.

As experiências de Havana foram, naturalmente, divulgadas pelas revistas de medicina: estava descoberto que era o mosquito o transmissor da febre amarela! Ao gênio de Oswaldo Cruz não podia passar despercebido uma notícia dessas.

E fixou na sua cabeça, como uma idéia firme, a tarefa de acabar com a febre amarela no Rio de Janeiro.

Eram todos contra Oswaldo Cruz: "Matar mosquitos", parecia, até no nome, uma coisa ridícula! Mas, Oswaldo, prestigiado pelo governo do Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, acabou com a febre amarela "matando mosquitos", e, em 1908, declarava extinta a febre amarela no Rio de Janeiro, a cidade mais bela do mundo.

# Vital Brasil Mineiro da Campanha

Figuremos o quadro acanhado da velha capital paulista na segunda metade do século passado.



Ruas estreitas e tortuosas. Raros transeuntes. Escravos passando apressados, ao péso dos barris de água. Animais soltos, pastando o capim que crescia viçoso à beira dos alagadiços...

Foi a essa Capital que chegou um dia, deslumbrado talvez pela grandeza da cidade, muito maior do que a sua, um menino pobre e sózinho, de olhos profundos e inteligência viva. Sentindo na pele moça os arrepios da garôa penetrante, Vital Brasil Mineiro da Campanha chegava a São Paulo. E iniciava, sem o saber, a sua gloriosa carreira.

Nascido em Campanha, em Minas Gerais, no ano de 1865, Vital Brasil trazia no nome a indicação de seu bérço natal: Mineiro da Campanha. E trazia ainda, lá do distante rincão perdido nas serranias de sua terra natal, a vontade firme de abrir seu próprio caminho e o desejo de ser útil à sua terra e aos seus semelhantes.

Na velha capital paulistana, o menino pobre fez de tudo. Lutou com a coragem dos fortes. Trabalhou nos mais variados mistérios. Há até quem o diga cocheiro dos pequenos bondes, puxados a burro de passo tardo e cadenciado, que então existiam na Capital da província...

Entretanto, sua inteligência não podia passar despercebida. O rapaz manifestava decidido pendor pelo estudo. Aprendia com facilidade espantosa. E a medicina o atraía irresistivelmente.

Apareceu, como acontece em quase tôdas as grandes vidas, um protetor que compreendeu a necessidade de cultivar aquela inteligência vivaz. E Vital Brasil começa a estudar. Vai para um colégio. Aprende rapidamente quanto lhe ensinam. Parte para o Rio, rumo à Faculdade de Medicina. Mais alguns anos de luta áspera dos estudantes pobres: e ei-lo médico! Era o sonho realizado! Estava de posse do diploma que tanto ambicionava!

Mas Vital Brasil não estava ainda satisfeito. Havia muito que fazer, em prol da humanidade. Nascido no interior, preocupava-se ele principalmente com o problema da cura das pessoas picadas pelas cobras. Vira, criança ainda, a morte de roceiros, por entre rezas, benzeduras inúteis, passes de simpatias e convulsões horríveis. Era um mal sem cura, até então. Picada de cobra venenosa era sentença de morte, inapelável.

Vital Brasil vai aperfeiçoar seus conhecimentos em Paris. Estuda com afinco, na cidade em que outros procuram divertir-se. Seu trabalho tem uma finalidade: precisa conhecer bem a sua profissão, para poder produzir algo de útil.

De volta a São Paulo, o mineirinho pobre já vem cercado de

admiração e respeito. É nomeado para o cargo de inspetor sanitário. Deixa em breve o lugar: precisa de tempo, para seus estudos. Está a caminho da descoberta que lhe há de consagrar o nome. E funda o Instituto Soroterápico, onde começa a aplicar o soro anti-ofídico.

Surgem os primeiros casos de pessoas mordidas por cobras venenosas. Vital Brasil lhes ministra uma injeção e opera-se o milagre. As vítimas restabelecem-se, curam-se radicalmente. Há quem descreia. Vital Brasil prova com fatos o valor de sua descoberta. Não discute — cura.

Seu nome impõe-se. O soro anti-ofídico, em milhões de ampólas, espalha-se por todo o país, na sua missão de salvar vidas. Será demais calcular em um milhão o número de pessoas que Vital Brasil salvou com a sua descoberta?

É impossível o cálculo exato: que fôsse, porém, apenas a décima parte. Quem poderá orgulhar-se de ter feito tanto em favor dos seus patrícios?

(De Morel Marcondes Reis)

## JOÃO CAETANO, O MAIOR ATOR BRASILEIRO

João Caetano dos Santos, o maior ator brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro, em 27 de abril de 1808. Estreou na vila fluminense de Itaboraí, em 23 de abril de 1827, no drama "O carpinteiro da Livônia", e no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio, trabalhando em alguns outros. Em 1837 publicou as "Reflexões dramáticas". A sua maior notoriedade foi com a criação do papel de "Othelo", da peça de D'Almeida, ainda não interpretada no Brasil. Fêz outras criações, como "Aristodemo", de Conti; "Oscar, filho de Ossian", de Arnauld, e o "Camões", de Castilho.

Empresou várias companhias e representou com êxito invulgar em vários Estados.

Visitou a Europa em 1860, representando em Portugal; regressou ao país criando novos papéis, sendo considerado o maior ator da América.

Faleceu a 24 de agosto de 1863, sendo enterrado no cemitério de São Francisco de Paula, em Catumbi. Em frente ao teatro que tem o nome do nosso mais notável ator, na praça Tiradentes, no Rio, ergue-se a estátua de João Caetano, feita por Chaves Pinheiro e inaugurada em 3 de maio de 1891.

## MUSICA

# A "SINFONIA DE LENINGRADO" DE SHOSTAKOWSCZ

Um herói que não foi condecorado, eternizou na música a epopéia de Leningrado — Na corrida dos maestros, venceu aquele que não competiu...

ALMÃES e finlandeses contavam com a queda de Leningrado. Esperavam obtê-la. E ficaram esperando. Chegaram mesmo a convidar os correspondentes dos jornais estrangeiros para assistirem a marcha triunfal dos exércitos invasores pelas ruas da cidade conquistada. Porém, apesar da situação desesperadora em que se encontrava a população sitiada — contando apenas com quatro fatias de pão e um prato de sopa, sem carne, como ração alimentícia — o pomposo desfile não se realizou. Os russos lutaram com heroísmo e finalmente conseguiram romper o anel de aço com que o exército alemão havia rodeado a cidade. Heróis sem conta, surgiram entre os militares. Condecorações e honrarias foram distribuídas dos generais aos soldados. Realmente merecidas. Entre os civis, que se encontravam na cidade, sem função militar ou de outra qualquer espécie que os pudessem tornar célebre pelos feitos das armas, e que, entretanto, com o seu talento pessoal estavam contribuindo para que a epopéia dos russos se tornasse mais grandiosa, mais imensa, contava-se um jovem de óculos espessos, fisionomia infantil, mas solerte, e de nome Dimitri Dimitrievich Shostakowicz. Apenas 36 anos. Músico. E conhecido nos limites das fronteiras da U. R. S. S.

Enquanto a luta se mostrava mais cruenta, o jovem escrevia notas, traduzindo para a música o feito que presenciava. Uma sinfonia de proporções bélicas. Terminada a obra, foi ela enviada para a cidade de Kuibyshev, e executada pela primeira vez no Teatro Bolshoi. Audição apenas local, sem maiores pretensões. Eis que, sem se saber porque é a partitura reduzida em micro-filme, de trinta metros de comprimento, e enviada para os Estados Unidos.

Foi um sucesso, pois não escapou desde logo aos alardes da propaganda ianque, que se prevalecia



Dimitri Dimitrievich Shostakowicz nasceu em 25 de setembro de 1906, em San Petersburgo. É um dos homens que mais tem sido comentado e discutido na atualidade. Tipo autêntico do herói lendário. Discute-se abertamente as suas idéias políticas e todos os seus comentaristas vêm, nêle, tendências sociais das mais variadas. Entretanto, ouvindo-se a sua música, poucos (ou ninguém) se lembrariam de descobrir o véu da sua verdadeira vocação tão simples em si quanto complicadas são as suas teorias e harmonias musicais. Antes de tudo é músico, músico integral, cem por cento. Tudo o mais são consequências, pluralidade e nada mais

do título que a obra lhe dera o autor — Sinfonia de Leningrado — como recordação dos dias em que a inspirava, para provocarem simpatia a favor da causa aliada.

Assim chegaram a Nova Iorque 252 páginas da partitura, ao mesmo tempo que o nome de Dimitri Shostakowicz tornava-se pelo seu

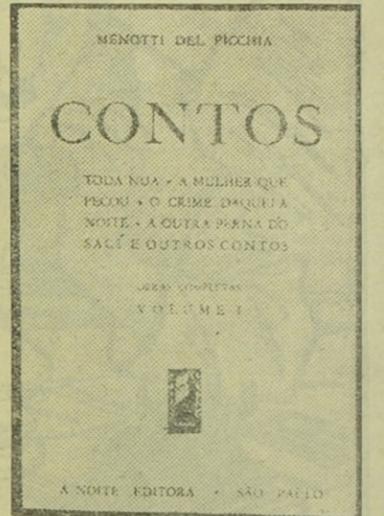
# O autor de "Mascaras" fala-nos sobre o grande empreendimento editorial

Porque Menotti Del Picchia, o autor de "Mascaras", resolveu publicar suas "obras completas", como se houvesse quebrado sua fecunda pena e se dispusesse a viver doravante apenas da sua glória de bi-acadêmico, foi o que a curiosidade nos mandou investigar, uma vez que o criador de "Juca Mulato" está em franca produção e continua a dar, a revistas e jornais, versos e trechos de prosa.

— Por que? — perguntamos ao poeta, depois de expor esse nosso pensamento.

— Porque entendo por "obras completas" um conjunto harmônico do que já publiquei, ao qual serão aduzidas aquelas que ainda não dei à publicidade ou que escreverei. Já disse, há tempos, a razão prática desta iniciativa: não apenas reedito obras que de há muito estavam esgotadas e que o público em vão procurava nas livrarias, como, tecnicamente, melhoro o tipo material das edições e uniformizo-as de maneira a tornar cômoda e estética sua coleção em qualquer estante. Fui dos que se preocuparam com "edições bonitas", mas de formatos os mais diversos. A primeira edição de "Mascaras", ilustrada por Paím,

tinha um tamanho. A primeira edição da "Angústia de d. João", ilustrada por Mick Carnicelli tinha outro... Nada mais difícil que colocar numa estante quaisquer um



dêses volumes pois eram fininhos e enormes. Agora reuni num só volume todos os poemas: "Juca Mulato", "Mascaras", "Angústias de d. João", "O Amor de Dulcinéia", "Moisés" e "Jesus"... Como vê, nada mais prático.

— E que nos conta da sua atual atividade literária?

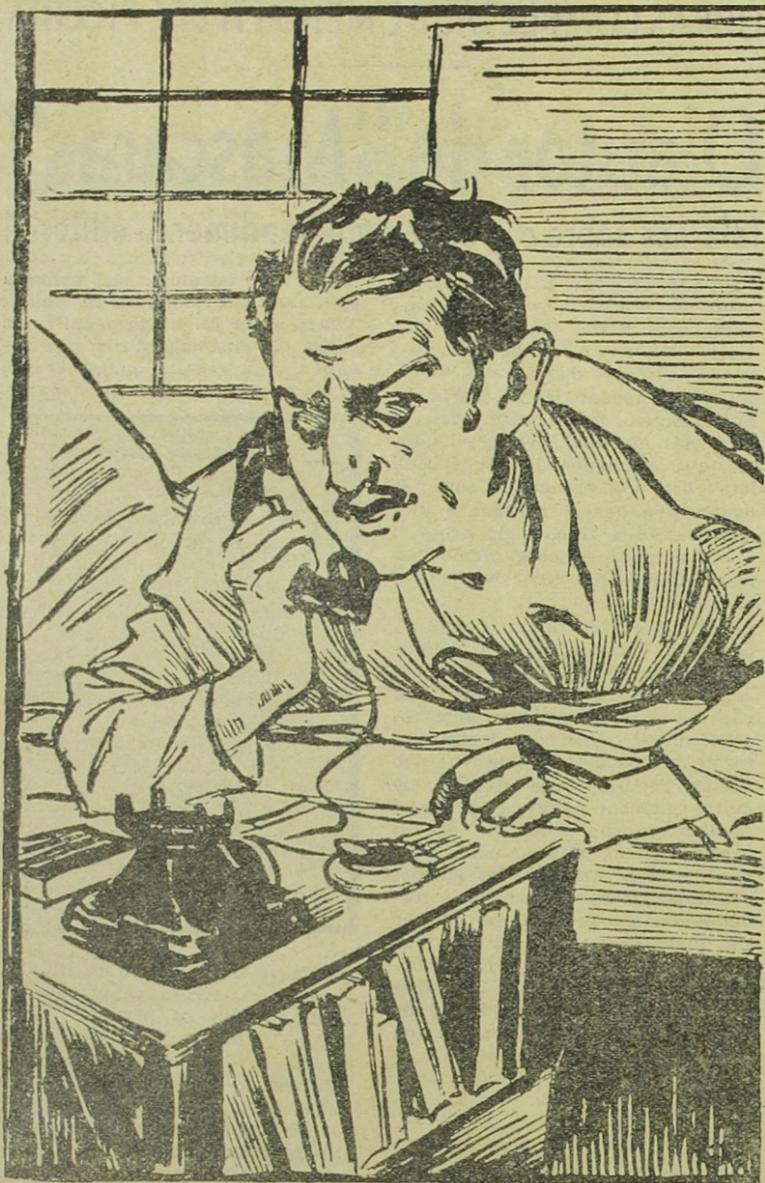
— Estou para revisar a "Filha do Inca", edição francesa, que a Editora Albin Michel, de Paris, vai lançar através de tradução de Manoel Gahisto. Por absoluta escassez de papel, que angustia a França, a edição inicial será apenas de 5.000 volumes. Lá, para entrar nos prelos, estão prontos, também, na tradução do mesmo ilustrador, o "Dente de Ouro" e o "Crime daquela noite", outros trabalhos que constarão das obras completas. Quanto a "Salomé", que já safu na sua edição espanhola, está para circular em edição inglesa, tendo-me sido solicitados os originais para uma edição italiana.

— Poderá me dar uma idéia do plano geral dessas obras completas?

— Inicialmente publicarei dez volumes. Olhe: aqui tem o plano geral.

E deu-nos um impresso. Por êle verificamos que o escalonamento das obras do ilustre escritor paulista é o seguinte:

- 1) CONTOS. Extraídos de "Tôda Nua", "A outra perna do Saci", "O crime daquela noite" e "A mulher que pecou".
- 2) POESIAS COMPLETAS. Extraídas dos "Poemas do Vício e da Virtude", "Chuva de Pedra" e demais livros de versos.
- 3) POEMAS. "Juca Mulato", "Mascaras", "Angústia de D. João", "Moisés", "Jesus" e "Amor de Dulcinéia".
- 4) NOVELAS. "Flama e Argila", "O Homem e a Morte", "Um drama" e "A outra perna do Saci".
- 5) NOVELAS. "Dente de Ouro" e "Lais", contendo ainda um longo prefácio explicativo escrito pelo autor.
- 6) FANTASIAS. "A Filha do Inca" e "Kalum, o sangrento", os dois livros fantásticos escritos para a juventude brasileira.
- 7) A TORMENTA. História romanceada da Revolução de 1924.
- 8) CUMMUNKÁ. Romance — sátira, que passa em revista os novos valores éticos e políticos da humanidade.
- 9) SALOMÉ. Romance. Estudo da decadência do ciclo burguês no Brasil, Prêmio de Romance da Academia Brasileira.
- 10) CRÔNICAS E ENSAIOS. Livro documental, contendo matéria a mais variada, contos rápidos. Aliás, dêses dez volumes, o primeiro, Contos, já está em tôdas as livrarias e a editora A Noite, que o lançou no mercado, fêz dêle uma esplêndida edição.



**J**IMMY Turney ainda dormia quando retiniu a campainha do telefone.  
— Alô! — disse com voz ensonada.  
— Alô! — quase gritaram do outro lado do fio. — É você, Jim?  
— Sim, sou eu.  
— Fala Stevens. Peço-lhe que venha imediatamente, Jim. Não se demore, é coisa grave.

Começava a clarear a manhã quando Jim parou à porta da Chefatura de Polícia.  
Foi encontrar seu amigo Stevens passeando agitado dum lado para o outro do gabinete, articulando palavras em tropel.  
— Enfim, Jim! — exclamou ele com alívio. — Conte os minutos com tal impaciência que me pareceram horas.

— E então?  
— Segunda-feira começou as investigações e nunca mais foi visto.  
— E receia...  
— O que hei de eu recear — respondeu Stevens. — Um assassinato, simplesmente.  
— E quer que eu descubra o Murray, vivo ou morto, não é verdade, Stevens?  
— Isso mesmo, para encurtar. — Respondeu o chefe de Polícia. Jimmy Turney estendeu-lhe a mão.  
— Você conta sempre comigo, Stevens.  
— O polícia, talvez contra o seu desejo, estreitou comovidamente a mão que o amigo lhe estendia.  
— Obrigado, Jim! Estava certo que era essa a sua resposta. Jim levantou-se.  
— Recomeça a vida! — exclamou ele. — A menos que Murray esteja morto, voltaremos os dois, ou não voltará nenhum, quem sabe!  
— terminou em voz mais baixa e saiu.  
Assim que a porta bateu, o chefe de Polícia exclamou:  
— É um valente não resta dúvida.  
Quando Jim se encontrou, de novo, junto do automóvel, pensou um momento.  
— Ir para o bairro chinês tal como estava, parece-me incorrer no mesmo erro de Murray. Vamos até a casa.  
— Roget! — exclama Jim junto do leito do amigo, sacudindo-o. Roget abriu os olhos.  
— O que há, meu caro Jim? Muito depressa passa o tempo! E olhando para a janela.  
— Mas ainda está tão escuro!  
— Tenha paciência, meu velho. Há muito mais tempo estou eu levantado e não me queixo.  
E esboçando um sorriso:  
— Para que nos metemos nós a policiais?  
— E que quer você? — perguntou o francês.  
— Ajuda, o que há de ser, Roget? O amigo de Jimmy Turney sentou-se na cama.  
— Quer dizer que temos pãdegas!  
Jim deu uma gargalhada.  
— Certamente! Senão não o teria incomodado.  
— Isso é outra coisa.  
E o francês saiu precipitadamente do leito.  
Depois do banho, quando Roget se preparava para se revestir da costumada elegância, Jim perguntou:  
— Você julga que vai para uma recepção?  
— Não compreendo.  
— O uniforme de chofer de taxi é que lhe convém.

— E a você, casaca e chapéu alto? — interrogou irônica-mente Roget.  
E Roget curvou-se numa vênha. Ao passar-lhe pela frente, Jimmy Turney disse, como se falasse consigo mesmo:  
— Que tipo repugnante está este Roget!  
E deu uma corrida para o elevador. O amigo perseguiu-o.  
— Isso não está direito, Jim! Você é que propôs uma trégua nos insultos.  
— Tem razão! — exclamou o interpelado. Antes, porém, de nos integrar-mos nos nossos papéis, permita-me que lhe diga Roget

★  
Novela de  
**PETTER CASHIN**  
★

amigo, que você conseguiu realizar um tipo absolutamente alvar com essa cabeleira intensa e essas sardas.  
E antes que o amigo pudesse responder.  
— Isto é um elogio ao artista, nada tem de insulto.  
Desta maneira puseram o elevador em movimento.  
Algumas horas depois, junto de um bar, em pleno coração do bairro chinês, parou um automóvel de praça que, no andar, dava a impressão que se ia desfazer tal era o ruído de latas arrastadas que produzia.  
— Pronto, capitão! — exclamou o chofer saindo do carro e dando um bordo que fazia suspirar de grossa borracheira. — Depois desta aventura, podemos brincar com a morte que nada nos acontecerá com certeza.  
De dentro do carro saiu, penosamente, o corpo do marinheiro a quem o outro se dirigia.  
— Cala a boca, ostra nojenta! — berrou, cuspiendo para o lado. Se tu visses vagas da altura duma montanha, já sabias que os simples solavancos dum batelatas como o que tu guias não mete medo a ninguém.  
— Ninguém o ofendeu, capitão Jack — respondeu em tom levemente choroso o motorista.  
— Tens razão. Tu não és mau rapaz. Dá cá um abraço.  
E caiu nos braços do outro.  
— Tu bem sabes que o peixe não se dá com o macaco.  
— Lá está você a ofender novamente, capitão! — dizia o companheiro com a voz cada vez mais pastosa e lacrimante.

— Ling-Chang tem sempre prazer em receber amigos. Aqui têm uma mesa.  
Os dois homens sentaram-se.  
— Que querem tomar, senhores? — perguntou a voz do chinês, ao mesmo tempo que pelos olhos lhe passava um clarão de cobiça vendo o volumoso maço de notas que o marinheiro tirara do bolso e pusera sobre a mesa.  
— Para começar — respondeu em voz pastosa o marinheiro — traze lá uma garrafa de "whisky", amigo Ling-Chang.  
Ao ouvirem a palavra "whisky" todas as cabeças se voltaram como por encanto, parecendo ser essa a senha com que se acordava a freguesia em casa de Ling-Chang.  
— Parece que estes senhores têm sede, chinês amigo! — exclamou com uma risada o marinheiro, dando conta do reboliço que suas palavras haviam produzido.  
— Dá de beber a todos que quem paga sou eu — continuou.  
— Não me esqueça da maneira como fui tratado na tua terra, Ling-Chang. É justo que parte do dinheiro que ganhei reverta para um homem que lá nasceu.  
— O senhor vem da China?! — interrogou com curiosidade o dono do botequim.  
— Direitinho! — respondeu o outro.  
— Mas chegou algum navio? — tornou a interrogar Ling-Chang.  
— Julgarás que vim a nado?! Tu, Ling-Chang, tens arrôjo de desconhecer a chegada do "Cotovia" do comando do capitão Jack?! — interrogou em voz alta e já azêda o companheiro do motorista.  
— Deixe lá capitão! — interveio este. — Como quer o senhor que um chinês, metido nesta espelunca, esteja ao fato dos assuntos importantes que se passam!  
— Pois devia saber! — berrou o capitão. — Tanto mais que a minha chegada lhe interessa muito, porque...  
Não concluiu. Sentiu seu pé esquerdo brutalmente esmagado por uma pisadela dada por Ling-Chang. Olhou-o.  
A face do chinês ainda mostrava vestígios da palidez que a invadira ao ouvir as últimas palavras do capitão.  
— Peço desculpa, capitão — articulou Ling-Chang com a voz ainda um pouco trêmula. De fato, de nada sabia.  
E fazendo um gesto.  
— Quererão dar-se ao incômodo de passarem ao meu escritório?  
— Isso é outro modo de falar! — exclamou o capitão Jack erguendo-se a custo e tornando a meter no bolso o maço de notas que de lá tirara.  
Passando junto do balcão atrás

# UMA AVENTURA NO BAIRRO CHINÊS

— Combinado, Stevens.  
E Jim desligou o telefone.  
— Que maçada! — exclamou ele num bocejo.  
E voltou-se para o outro lado, aconchegando a roupa.  
De repente, deu um salto na cama.  
— Com mil diabos! — gritou. — É Stevens que me chama. A esta hora, com certeza é caso sério.  
Pulou do leito e, apressadamente, entrou no banheiro.  
Enquanto a água fria do chuveiro lhe fustigava o corpo, as idéias iam-se-lhe aclarando.  
— Se às cinco da manhã Stevens se lembra de mim, é porque a aventura promete. De resto, uma semana de inatividade já chega. Por um simples tiro não se justifica tal período de preguiça.  
Já quase vestido, fazendo o nó da gravata diante do espelho, continuava o monólogo:  
— Não há dúvida que nasci para as aventuras, só uma vida dinâmica me pode entusiasmar. Nem um terremoto me faria levantar agora e, no entanto, bastou uma telefonema do inofensivo Stevens para me pôr em alvoroço.  
Já pronto a sair, hesitou um momento.  
Deveria despertar Roget e levá-lo consigo?  
— Deixa dormir quem dorme! — exclamou ao cabo dum momento de reflexão.  
E abandonou o aposento.  
Chegando à rua, sentiu o frio da madrugada chicotear-lhe a cara e teve um arrepião.  
— Deixar a cama com um tempo destes! — pensou ele em voz alta fechando o sobretudo.  
Encolheu resignadamente os ombros e entrou no automóvel.  
Enquanto rodava pelas ruas, seu cérebro ia tentando adivinhar o motivo de tão inopinada chamada telefônica.  
— Em séria atrapalhação se deve encontrar Stevens para se lembrar de mim. Raramente um profissional, mesmo amigo, se lembra dum reles amador — ia ele pensando para entreter a impaciência.

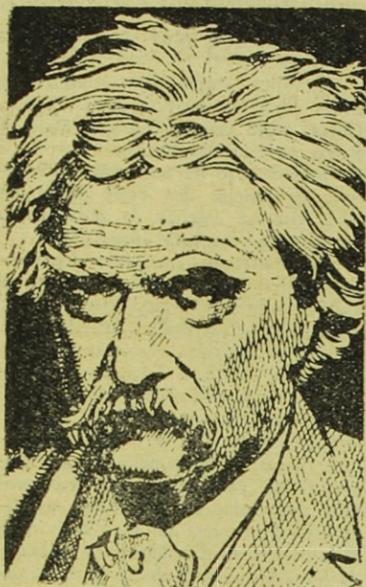
Jim instalou-se numa poltrona.  
— Você não se envergonha de incomodar um cidadão pacífico e, para mais, convalescente — sublinhou com um sorriso — às cinco horas da manhã?  
— Peço-lhe que não brinque, Jim. Reconheço que é abusivo incomodá-lo a esta hora, mas é você o meu último recurso. Será talvez abusar das suas forças depois do caso do Morrison, que estou certo que terá a franqueza de me dizer.  
— Bom! Estava brincando. Vamos a saber o que há — cortou Jim.  
Stevens respirou fundo antes de começar.  
— Você conhecia Murray?  
— Certamente! — respondeu Jim.  
— Pois desapareceu no decurso duma busca do bairro chinês.  
Jim guardou silêncio.  
— Era o meu melhor detetive!  
— continuava Stevens com exaltação.  
— Depois dele desaparecer, com quem posso contar senão consigo?  
— Só depois, não é verdade? — interrogou Jim com uma pontinha de ironia.  
O chefe de polícia caiu em si.  
— Compreenda-me, Jim. Você bem sabe...  
Jim riu alto.  
— Que sempre há brio profissional, não é? — perguntou.  
Stevens olhou o interlocutor por uns instantes.  
— Talvez seja assim, Jim. Não me queira mal por isso. Peço-lhe encarecidamente que me ajude.  
No fundo, estamos sempre de acôrdo, Stevens. Não lhe levo a mal o profissionalismo. A única coisa que me interessa é saber as condições em que trabalho.  
— Como você quiser, já o sabe.  
— Então que houve?  
O chefe de polícia deixou-se cair, com um suspiro de alívio, na poltrona fronteira à janela em que Jimmy Turney se sentara.  
— O Murray foi encarregado de bater o bairro chinês por causa dum negócio de contrabando de ópio — começou ele.

— Não! respondeu rindo, Jim. E mudando de tom.  
— Você acha que eu tenho altura para me disfarçar de chinês?  
— De chinês?! — exclamou Roget com estranheza.  
— Sim! — respondeu Jim. — Não percamos tempo.  
Roget compreendeu.  
— Aconselho-o a que não faça tal. Ninguém acreditaria.  
— Poderem, então, fazer-me de marinheiro abonado.  
Entraram no vestiário.  
Passaram uns minutos.  
— O senhor primeiro, capitão — dizia Roget, com uma vênha, abrindo a porta do aposento de par em par.  
Jim saiu.  
Quem tivesse visto entrar, poucos minutos antes, aqueles dois jovens para o quarto de vestir não acreditaria que fossem eles que, nesse momento, saíam.  
Contrastando com o ambiente de luxo que o quarto tinha, duas figuras exóticas haviam aparecido. Uma, era tipo completo de lóbo do mar, de pele tsnada, pernas em arco, o andar bamboleado. A outra, pobremente vestida, de calças de cotim, que há muito não viam ferro, casaco de alpaca todo enrugado nas costas, mostrando que quem o usava fazia sua vida sentada na almofada dum automóvel, dum barrete sebento e amarrado, dava o tipo clássico de chofer desleixado e sujo que em toda a parte se encontra.  
— Você, Jim, está impagável! — exclamou o francês, olhando, com um sorriso, o amigo.  
— Pior está você, Roget! — ripostou o amigo rindo francamente. — Você está reles!  
— Se eu fosse você — continuou irônico o francês — nunca abandonava essas suíças, que lhe ficam a matar.  
— Bom! — cortou Jim. — Vamos embora antes que entremos decididamente no domínio da ofensa pessoal.  
E empurrou o amigo para a porta.  
— O patrão primeiro!

— Está bem, está bem! — respondia o marinheiro condescendente.  
— Lá porque eu guio a minha chaleira e o capitão governa o seu navio, não temos que ser inimigos.  
— Tens razão!  
E mudando de tom.  
— Tu falaste em navio. O navio faz lembrar água, a água mata a sede. Vamos molhar a guela.  
E entraram no botequim.  
No imundo estabelecimento, distribuídos por mesas, achavam-se indivíduos de todas as qualidades e feitios. Os poucos brancos que se viam tinham um aspecto tão sujo e dezanerado que metia dó.  
A entrada dos dois forasteiros provocou um movimento geral de curiosidade. Os olhares que lhes foram dirigidos eram de olhos parados e embaciados pela embriaguez. Mas foi um momento porque logo tudo voltou à imobilidade e à modorra de que tinham sido despertados.  
Ainda não tinham acabado de fechar a porta, já junto deles se encontrava o dono da casa, pequenino e untuoso, as mãos cruzadas sobre o peito, o rosto inexpressivo iluminado por um sorriso, que os saudava.  
— Sêde benvindos a casa de Ling-Chang. Ele próprio aqui está para vos servir.  
O marinheiro estacou olhando-o. Por um momento o sorriso desapareceu do rosto do chinês, dando lugar a uma expressão de desconfiança.  
— Olha lá, ó guiador de batelatas, — exclamou o marinheiro — repara bem como este chinês é simpático.  
E voltando-se para o dono do botequim:  
— Deixa-me saudar-te à americana, filho da China.  
E, sem que o chinês tivesse tempo de se defender, aplicou-lhe um beijo em cada face.  
O rosto do amarelo tornou a iluminar-se com o mesmo sorriso com que os recebera, por um movimento da boca que se prolongou em fenda até deixar à vista uma parte dos dentes.

do qual, como numa cena de mágica, surgira outro chinês, os três dirigiram-se para a porta que o dono da casa indicara.  
— Os senhores primeiro — disse Ling-Chang.  
Os dois forasteiros entraram, logo seguidos pelo chinês que fechou a porta, sem ruído, sobre si.  
— Podemos agora falar sem testemunhas! — exclamou ele.  
— Assim entendemo-nos! — respondeu o capitão Jack, voltando-se. Nós...  
A voz morreu-lhe na garganta vendo o Ling-Chang encostado à porta, por onde haviam entrado, empunhando uma pistola.  
— Que história é essa, Ling-Chang! — exclamou o marinheiro fazendo menção de se aproximar.  
— Um passo mais e disparo! — disse, calmamente, o chinês. — Devia saber, capitão Jack ou lá quem é, que não se engana Ling-Chang com tanta facilidade.  
O marinheiro não perdeu a calma.  
— Vê você os sarilhos em que nos mete o Fred?! — exclamou ele para o motorista.  
— Tem razão, capitão — respondeu o companheiro. — Depois de tantos trabalhos passados, ainda este estúpido chinês duvida de nós!  
Ling-Chang tomou a palavra.  
— É inútil perder tempo com conversas porque nada se ganha com isso. Os senhores deviam saber que quem se atravessa no caminho de Ling-Chang não costuma falar mais. Que esperavam?!  
— Que tu fosses um pouco mais inteligente, amarelo imbecil — respondeu o companheiro do motorista, tomando assento junto da mesa ao centro da sala, com um gesto de enfado.  
O motorista imitou-o.  
O chinês, perante a atitude dos seus dois interlocutores, esteve um momento perplexo.  
— Não sei se deva acreditar no que dizem, senhores — disse ele por fim.  
— Isso pouco importa! — declarou perentoriamente o capitão. —

# O DISCO DA MORTE



MARK TWAIN

O episódio que vou relatar passou-se em uma das épocas mais brilhantes da história britânica: no tempo em que a Inglaterra estava sob o domínio de Olivier Cromwell.

Olivier Cromwell era tão hábil quanto ambicioso e, antes de ser senhor absoluto do poder, não vacilou um instante, diante dos mais cruéis castigos, para punir aqueles que ousaram opôr-lhe a menor resistência.

O coronel Mayfair era o mais jovem oficial de sua guarda, no exército da República. Com trinta anos apenas, já havia assistido a numerosos combates. Sua coragem e bravura fizeram-no alvo de admiração geral. Devia ser muito feliz... e, no entanto, por que este ar tão triste e desanimado?

Era uma noite de inverno; fóra reinava a escuridão e barulho da tormenta; dentro, silêncio fúnebre.

O coronel e a esposa, depois de esgotarem o assunto de seu grande desgosto, permaneceram sentados, de mãos dadas, diante da lareira. Já tinham orado juntos e agora não lhes restava senão uma coisa — esperar. E, naturalmente, por pouco tempo. A esposa tremia, pensando nisto...

Possuíam uma única filha, Abby, de sete anos, a quem adoravam. Era hora dela vir, como sempre, abraçá-los antes de dormir. O coronel, rompendo o silêncio, disse à mulher:

— Enxuguemoss nossas lágrimas, por amor de nossa filha, para que ela nada note de extraordinário.

Uma linda criança, loira, de cabelos encaracolados, sorridente, porém, com um arzinho enérgico, apareceu em camisa de dormir na soleira da porta e, radiante, ao vêr os pais, entrou a correr e foi trepar nos joelhos do pai, que, apertando-a contra o peito, abraçou-a profundamente.

— Papá, papá, não me aperte tanto assim; está me machucando e desmanchando o penteado.

— Ia descer; o pai, porém, prendendo-a nos braços, disse:

— Não vás, filhinha, fica em meus joelhos. Se fui mau, perdoa-me. Qual é o castigo que mereço?

Um sorriso de alegria mudou num instante o semblante da criança, que, apoiando sua face na do pai, pediu-lhe uma história.

Ouviram-se passos.

Os pais mantiveram a respiração suspensa para melhor escutarem.

Apesar do zunido do vento, ouviam-se ainda passos. Primeiramente longe; e se aproximarem, mais pesados, depois, mais pesados ainda, até que se afastaram de todo.

Então, o casal respirou longamente, como se tivesse acabado de escapar de um perigo. E, tranquilamente, o coronel continuou:

— Abby, certamente queres uma história alegre, não é?

— Não, papai, conte-me uma história triste, muito triste mesmo, que nos faça tremer, como se fosse verdade. Mamãe, fique pertinho de mim, e dê-me a mão. Agora, papai, podes começar.

— Era uma vez três coronéis, que, numa batalha, cometeram certa indisciplina. Tinham-lhes ordenado simular um ataque sobre uma forte posição, a fim de atrair o inimigo e dar tempo ao exército da República de bater em retirada. Entusiasmados, po-

rém, os três coronéis travaram verdadeiro combate e ganharam. O general em chefe deu-lhes cumprimentos, porém, aborrecido com a desobediência, ordenou-lhes que viessem a Londres para serem julgados.

— Papai, o grande general não é Cromwell?

— É.

— Conheço-o bem. Costumo vê-lo passar, montado no seu enorme cavalo, á frente dos soldados. Parece que todo mundo o teme, porém, eu não. Olha-me com tanta bondade...

— Tagarelazinha querida!... Os coronéis estão afinal em Londres, presos sob palavra. Permitiram-lhes vêr suas famílias pela última vez.

— Ouça! são passos!

Puseram-se a escutar em silêncio. Os passos, porém, ainda desta vez se afastaram e a mãe encostou a cabeça no ombro do marido para esconder a palidez.

O pai continuou:

— Foi esta manhã que eles chegaram.

— Mas, papai, é, então, uma história verdadeira?

— Sim, querida.

— Oh! paizinho, como adoro você! Continue. Mamãe está chorando; por que será? Diga, ande...

— Por nada, meu bem, pensava n'elas e nas pobres famílias.

— Ora, mamãe, não chore mais, a história vai acabar bem, você há de vêr. Vamos, papai. Ao chegarem foram para onde?

— Primeiramente, antes de lhes permitirem vêr as famílias, levaram-nos para a Torre. Aí, os juizes, ao fazerem o interrogatório, acharam-nos culpados e foram os três condenados á morte.

— Que crueldade! Mas a mãezinha chora ainda. Não é preciso. Não morrerão. Aposto. Ande papai, depressa, conte logo o fim.

— Estou pensando...

— Não é preciso, você sabe muito bem a história. Conhece os três coronéis?

— Sim, filhinha.

— Que vontade tinha também de conhecê-los! Adoro os coronéis... Diga-me, papai, será que gostariam que eu os abraçasse?

— Sim, principalmente um, mais que os outros. Dá-me um abraço, como se fosse para ele.

— Está bem e depois darei também para os outros dois.

— Se eu os pudesse vêr, dir-lhes-ia: meu pai é como vocês, um bravo coronel e teria feito o mesmo, por isto não têm de que se envergonhar.

— Ouçam, ouçam.

— Desta vez não é o vento...

— Em nome do Lord General, abram a porta.

— Papá, são soldados, larguem-me, deixem-me. Vou recebê-los.

Abby, correndo com vivacidade para a porta, escancarou-a, gritando:

— Entrem, entrem!... papai, papai, são os granadeiros.

Os soldados entraram armados. O oficial fez continência e o coronel, em pé, respondeu á saudação.

A mulher, pálida, ao seu lado, procurava esconder seu desgosto. A criança olhava, espantada.

O pai abraçou longamente a esposa e depois a filha.

— Para a Torre, siga-me.

O coronel deixou o lar e seguiu á frente dos soldados.

— Oh! mamãe, como papai é belo, como marcha bem. Então ele vai á Torre? Vai vê-los...

— Pobre filhinha, vem cá em meus braços, vem, querida.

No dia seguinte, a infeliz senhora não conseguiu sair do leito. A pequenina Abby, tendo recebido ordem de ir brincar no portão, a fim de não incomodar a mãe, achou que seria melhor avisar o pai do que se passára em casa, durante sua ausência.

A côrte marcial estava reunida em presença do Lord General.

— Pedimos-lhes, disse um dos juizes, apontar o que deve morrer, mas recusam.

O semblante de Cromwell mudou de aspecto:

— Não morrerão todos! Tira-se, então, a sorte. Tragam-nos, coloquem-nos neste aposento, lado a lado, com os rostos virados para a parede e as mãos para trás. Quando estiver tudo pronto, chamem-me.

Permanecendo só, parecia absorvido em tristes reflexões, depois, chamando um bedel, disse:

## Novela de MARK TWAIN

— Tragam-me a primeira criança que passar diante desta porta.

O homem entrou quase em seguida, trazendo Abby pela mão.

Ela se dirigiu ousadamente para o chefe do Estado e, sem cerimônia nenhuma, pulou em seus joelhos, dizendo:

— Conheço-o muito bem, senhor! É o Lord General. Já o vi muitas vezes passar diante de nossa casa. Todo mundo tem-lhe medo, menos eu.

Um sorriso adoçou as linhas severas do semblante de Cromwell.

— Que tal? Não se lembra mais? Pois olhe, nunca me esqueci do senhor.

— Não me esquecerei nunca mais de ti, dou minha palavra. Seremos sempre bons amigos.

— Que bom! Mas, então, embale-me, como faz meu paizinho.

— Com muito prazer, pois recordas-me muito minha filhinha. Quando tinha tua idade era assim, mimosa e gentil como tu. Que Deus te abençoe por isto.

— O senhor gostava mesmo muito de sua filha? Papai também gosta muito de mim.

— Oh! Sim! Amava-a muito. Ela comandava e eu obedecia.

— Mas, papai, é, então, uma história verdadeira?

— Sim, querida.

— Oh! paizinho, como adoro você! Continue. Mamãe está chorando; por que será? Diga, ande...

— Por nada, meu bem, pensava n'elas e nas pobres famílias.

— Ora, mamãe, não chore mais, a história vai acabar bem, você há de vêr. Vamos, papai. Ao chegarem foram para onde?

— Primeiramente, antes de lhes permitirem vêr as famílias, levaram-nos para a Torre. Aí, os juizes, ao fazerem o interrogatório, acharam-nos culpados e foram os três condenados á morte.

— Que crueldade! Mas a mãezinha chora ainda. Não é preciso. Não morrerão. Aposto. Ande papai, depressa, conte logo o fim.

— Estou pensando...

— Não é preciso, você sabe muito bem a história. Conhece os três coronéis?

— Sim, filhinha.

— Que vontade tinha também de conhecê-los! Adoro os coronéis... Diga-me, papai, será que gostariam que eu os abraçasse?

— Sim, principalmente um, mais que os outros. Dá-me um abraço, como se fosse para ele.

— Está bem e depois darei também para os outros dois.

— Se eu os pudesse vêr, dir-lhes-ia: meu pai é como vocês, um bravo coronel e teria feito o mesmo, por isto não têm de que se envergonhar.

— Ouçam, ouçam.

— Desta vez não é o vento...

— Em nome do Lord General, abram a porta.

— Papá, são soldados, larguem-me, deixem-me. Vou recebê-los.

Abby, correndo com vivacidade para a porta, escancarou-a, gritando:

— Entrem, entrem!... papai, papai, são os granadeiros.

Os soldados entraram armados. O oficial fez continência e o coronel, em pé, respondeu á saudação.

A mulher, pálida, ao seu lado, procurava esconder seu desgosto. A criança olhava, espantada.

O pai abraçou longamente a esposa e depois a filha.

— Para a Torre, siga-me.

O coronel deixou o lar e seguiu á frente dos soldados.

— Oh! mamãe, como papai é belo, como marcha bem. Então ele vai á Torre? Vai vê-los...

— Pobre filhinha, vem cá em meus braços, vem, querida.

No dia seguinte, a infeliz senhora não conseguiu sair do leito. A pequenina Abby, tendo recebido ordem de ir brincar no portão, a fim de não incomodar a mãe, achou que seria melhor avisar o pai do que se passára em casa, durante sua ausência.

A côrte marcial estava reunida em presença do Lord General.

— Pedimos-lhes, disse um dos juizes, apontar o que deve morrer, mas recusam.

— Gosto, então, muito do senhor, quer dar-me um abraço?

— Certamente, mas isto é um privilégio. Pronto, este beijo é teu e agora outro, porém, como se fosse para ela. Tu a representas e agora, o que me ordenares, farei.

A criança bateu palmas, radiante e, depois, ouvindo o tambor, gritou:

— Soldados, soldados. Lord General e Abby querem vê-los.

— Tu os verás daqui a instantes, porém, quero primeiro encarregar-te de uma missão.

Um oficial entrou e saudou baixinho, dizendo:

— Já estão preparados.

Retirou-se em seguida.

O general deu, então, a Abby três pequenos discos de cera: dois brancos e um vermelho.

O vermelho devia designar qual dos três coronéis sofreria a pena de morte.

— Que beleza, este vermelho! E' para mim?

— Não, pequenita, vais levantar a ponta desta cortina que está encobrendo uma porta aberta. Ali devem estar três homens de costas voltadas para teu lado, com as mãos para trás. Cada um estará com uma das mãos abertas, nas quais colocarás uma destas coisinhas. Quando acabares, vem para perto de mim.

Abby desapareceu por detrás da cortina.

Ficando só, o general disse consigo:

— Só Deus sabe a quem caberá a escolha, que fará esta inocente mensageira, que êle me enviou.

A criança, deixando cair a cortina atrás dela, quedou imóvel um instante, espantada com a meia escuridão, que reinava no quarto e com a imobilidade dos soldados e dos prisioneiros.

De repente, sua fisionomia iluminou-se:

— Ah! — disse ela baixinho — aquele é meu pai. Estou reconhecendo suas costas. Ele é que vai ganhar o mais bonito.

Correndo então para os prisioneiros, pôs os discos nas mãos abertas e, depois, metendo-se sob o braço do pai, tôda sorridente, disse-lhe:

— Papai, papai, olhe o que você tem na mão; dei-lhe o mais bonito.

Êle deitou um olhar sobre o fatal presente, caiu de joelhos e, tomando a filhinha nos braços, desfez-se em prantos.

Os soldados, os oficiais e os prisioneiros, testemunhas desta horrível tragédia, não puderam conter as lágrimas.

No fim de alguns minutos, o oficial de guarda avançou contrafeito para seu prisioneiro, tocou-lhe no ombro, dizendo:

— Isto me dói muito, coronel, mas o dever me obriga.

— Que negócio é este? — disse a criança. Eu é que desejo levá-lo. Fico zangada. Quer levar papai? Não deixei!

[Conclui na sexta página]

# SANGUE!

## Conto de L. A. del OLMET

respirações ofegantes e o choque dos aços...

As formas ágeis, nervosas, evoluíam com destreza, esquivando-se...

Por fim, Henrique tombou, ferido em pleno peito... Quis levantar-se, mas de novo cai por terra, inerte, perdendo muito sangue pela horrível ferida... um sangue quente de leão...

Tombou sem um grito... sem um queixume, olhando para o adversário com altivez e temeridade...

— Estás morto?

— Ainda não.

Jaime atirou a arma. Depois, foi pensar a ferida com o seu próprio lenço e carregando o moribundo sobre os ombros, voltou para a aldeia...

Chegado que foi á frente da casa do amigo, bateu á porta.

Ouviu-se a voz roufenha de uma camponesa velha:

— Quem está aí? É algum velho que vem embriagado?

— Nem vadio, nem embriagado, mas um bravo que chega moribundo. Abra a seu filho, tia Elvira. Aca-



O ódio fê-los parar, frente a frente, e a bravura lançou-os um contra o outro...

# Uma aventura no Bairro Chinês

[Conclusão da página quatro]  
Se não quiseres acreditar, voltaremos pelo caminho que aqui nos trouxe.

O amarelo sorriu.  
— Esteja tranqüilo que isso não sucederá. Eu só os deixarei sair quando tiver apurado o que aqui vieram fazer.

E Ling-Chang tomou assento em frente deles, sempre de pistola em punho.

— Pego-vos, com bons modos, que me digam quem são e o que pretendem de mim.

— Enquanto não abandonares o tom de interrogatório — respondeu prontamente o capitão Jack — podes estar certo que nada diremos.

— A cho melhor responder! — sibillaram os lábios de Ling-Chang. O que julgam que podem fazer? — terminou ele com um olhar máu.

— És muito mais estúpido do que eu pensava. Se olhares por debaixo da mesa, verás que, neste momento, estás servindo de alvo a duas pistolas. Ora, tu és só um. Poderás liquidar um de nós, é certo, mas o outro... Esqueceste-te de nos desarmar ou, pelo menos, de nos mandar pôr as mãos em cima da mesa.

Ling-Chang teve um sobressalto mas breve um sorriso lhe iluminou a face pálida.

— Eu no "bluff" vejo sempre as cartas! — exclamou ele inclinando-se com a agilidade dum felino e lançando uma mirada por debaixo da mesa.

Já sua cabeça surgia rápida, quando o pesado punho do marinheiro se abateu sobre ele, exclamando:

— Por isso se perdem jogos! Com um baque surdo, o corpo de Ling-Chang tombou.

— Depressa, Roget — exclamou o falso marinheiro. — Não temos um minuto a perder. Desta vez o império do Sol Nascente não foi feliz.

— Isto resolve-se num ápice, meu caro Jim — respondeu o interpelado começando a amarrar o corpo do chinês.

— Breve Ling-Chang estava de tal modo envolvido em cordas que, por mais que quisesse, não se poderia mexer.

Para evitar qualquer ruído que pudesse chamar as atenções, Jim colocou-lhe uma mordaca.

— Agora, dou-lhe um doce se conseguir gritar! — exclamou alegremente o falso capitão Jack.

E voltando-se para o amigo: — Vamos carregar com êle.

— Por onde?

— Deve haver alguma saída sem ter que se passar pela loja. Começaram a procurar e, ao cabo de alguns instantes, Roget deu com uma porta no fundo dum corredor.



## POR QUE NÃO HÁ VULCÕES NO BRASIL?

[Conclusão da oitava página] dando vastas superfícies, formando verdadeiras mesetas de lava de respeitável espessura, ocupando milhares de quilômetros quadrados de extensão.

As vezes as erupções vulcânicas estão associadas a terremotos violentíssimos como aconteceu com o Krakatoa, em 1883 e o Bandaisan, em 1888, no Japão, que provocaram efeitos devastadores.

As deslocções internas dentro do corpo sólido do nosso mundo provocam verdadeiras marés cujas ondas se propagam através da massa interna dando lugar aos tremores de terra e cataclismas. Tais vibrações são aceleradas ou retardadas segundo o grau de densidade do material que atravessam.

Este progresso é transmitido até os instrumentos de registo chamados simógrafos que gravam o processo dessas ondas convulsivas.

### O BRASIL ESTÁ FORA DO "CINTURÃO DE FOGO"

A distribuição de vulcões ativos na chamada zona de "o cinturão de fogo" que bordeja a costa do Pacífico ou a bacia do Mediterrâneo se encontra sobre regiões comumente sujeitas a cataclismas. Como já vimos, pela distribuição geográfica e geológica é impossível no momento existirem no Brasil vulcões, a não ser que um dia para nosso mal, o "cinturão de fogo" emigre para a costa do Atlântico.

— Jim! — chamou êle baixinho. O amigo aproximou-se.

— Para onde dará isto? — perguntou o francês indicando a porta que descobrira.

— Já o veremos — respondeu Jimmy Turney, entreabrindo-a mansamente.

Os dois homens encontraram-se numa rua estreita, mal calçada, suja e nauseabunda.

— Parece uma pocilga, caramba! — exclamou Jim levando a mão ao nariz.

— E agora? — perguntou Roget. — Vá até ao fundo da rua e veja para onde ela dá.

O francês obedeceu.

— Dá sobre a rua onde paramos — foi a sua resposta ao regressar.

— Poderá trazer o automóvel até aqui?

— É um pouco arriscado porque a rua é muito estreita, mas experimentemos.

E de novo se afastou. Jim, à porta, ficou escutando. De aposento que, há pouco, haviam abandonado não vinha o menor ruído.

Breve começou ouvindo o lento aproximar do automóvel. Viu-o chegar guiado, cautelosamente por Roget para evitar o ruído.

— Agora carreguemos o chinês e você espere-me na esquina, próximo da loja de antiguidades.

— Está certo. Voltaram dentro.

O corpo franzino do chinês quase desaparecia entre os pés da mesa. Ainda não tinha recuperado os sentidos e fácil foi aos dois amigos metê-lo no automóvel e cobri-lo com um tapete.

— E não há tempo a perder! — exclamou Jim. — Cada um ao seu posto.

— Até já — disse Roget, estreadando a mão de Jimmy Turney.

E, pouco depois, o carro partiu. Jim esteve ainda uns momentos à porta e, depois, voltou para dentro e, como à vontade, dirigiu-se para a entrada que dava sobre o bar e abriu-a.

— "All right!" — exclamou êle voltado para dentro. — Combinados. Ling-Chang. Fique com o meu amigo que eu não me demorei.

Fechou a porta, atravessou a sala com passo firme e desapareceu no dedalo de ruas do bairro chinês.

Assim que teve a certeza de não ser visto, mudou de rumo e, de novo, se acercou da casa que poucos momentos antes deixara.

Fugindo de passar pela frente da porta do bar, começou procurando meio de penetrar no edifício. Vendo uma escada de serviço, já velha e com aspecto de bem pouca segurança, teve um momento de hesitação mas resolveu-se a subir.

A medida que se afastava do solo, seus olhos atentos iam perscrutando o que se passava no interior do prédio.

Em determinado momento, pela altura do terceiro andar, seu olhar foi atraído para a estranha cena que se desenrolava num quarto do edifício fronteiro.

A meio da sala, sentado numa cadeira e amarrado com cordas, um homem estava cercado de chineses.

— Murray! — exclamou Jim a meia voz.

Esteve, por instantes, olhando. Pareceu-lhe perceber que se tratava dum interrogatório e que os chineses não o estavam satisfeitos com os resultados obtidos.

De repente, dum modo inopinado, viu o braço dum dos amarelos erguer-se e um fino chicote que a mão empunhava cair, estalando, no rosto do prisioneiro. Depois desse castigo, como a vítima não fizesse a menor menção de falar, um outro chinês colocou-se atrás do prisioneiro, passou-lhe uma fita de seda pelo pescoço, com um pequeno pau formou um garrote, e deu a primeira volta.

Jim teve a rápida compreensão do que se estava passando. Viu, num relâmpago, que da sua intervenção dependia a vida do homem. Então, firmou-se bem no degrau que ocupava, mediu a distância que o separava do prédio vizinho e lançou-se no espaço num magnífico esforço dos seus músculos de aço.

No momento em que suas mãos tocaram o ferro da outra escada de serviço, teve a impressão que tudo iria cair, tal foi a oscilação produzida pelo seu peso.

Como um demônio, irrompeu pelo quarto em que o infeliz Murray se encontrava a braços com os chineses, deixando êstes petrificados por tão estranha aparição. O seu punho vigoroso despediu um golpe feroz ao peito do chinês que empunhava a fita estranguladora, fazendo-o tombar sem um gemido. Mal refeitos da surpresa, os outros tentaram defender-se. Mas era tarde. Já a mão de Jim segurara um pela garganta enquanto estatelara outro com um formidável pontapé. O que restava, dirigira-se para a porta, procurando na fuga a salvação. Antes porém que conseguisse o seu desígnio, tombou gemente, atingido por um muro na cabeça.

Tudo isso se passara tão rapidamente que Murray não podia acreditar, ainda, no que via. O espectro da morte, entrevisto durante tanto tempo, continuava a ter representação na sua retina. O seu espírito, que se habituara a idéias de deixar de pertencer ao número dos vivos, considera a intervenção de Jim como uma fantasia.

— Ia chegando tarde, hein! — exclamou sorrindo o salvador, desatando as cordas que o prendiam.

— Quem é o senhor?! — articulou a custo Murray. — Quem o mandou?

— Não temos tempo para conversas. Vamos andando!

E, dizendo isto, pegou Murray ao colo como uma criança.

— Para onde me leva?

Jim não se dignou responder. Já sua alta figura transpunha a janela com Murray às costas, quando violentas pancadas na porta se fizeram ouvir.

— Agora, corram atrás de mim se quiserem! — exclamou êle dando uma gargalhada.

Já na escada, olhou para baixo. Viu na rua, correndo, várias figuras de chineses.

— A retirada cortada. A aventura promete.

Ágilmente, galgou a escada até ao telhado. Aí, seu olhar penetrante perscrutou o panorama. Nada se via que indicasse que os seus perseguidores também tivessem cortado êsse caminho.

Sempre correndo, transpôs o amplo telhado. Chegando à borda, disse para Murray:

— Segure-se bem em mim. E, num arriscado salto, atingiu o prédio vizinho.

Murray, ao sentir-se no espaço, fechou os olhos, julgando chegada a sua última hora. Pareceu-lhe que escapara à senha dos chineses para morrer na queda que adivinhara.

Bem se via que não conhecia Jim my Turney, o vencedor de duzentos o tinham escolhido para adversário, o atleta que a todos espantava com as suas façanhas, o homem que, voluntariamente, entrara naquela vida de perigo só para ter o prazer de ver a morte de perto.

As claraboias faiscavam ao sol; o ar estava quente e, depois de tão violenta correria, Jim sentiu calor e sede. O corpo de Murray em que pegara como se fosse uma pluma, começava a pesar demasiado.

O seu olhar, habituado a vêr, descortinou a figura dum homem por detrás duma das claraboias.

Apesar do cansaço, tornava-se necessário prosseguir, tinha que se afastar o mais depressa possível da casa que testemunhara a sua última façanha. Recorrendo a tóda a sua energia, recomeçou correndo. A medida que se aproximava da claraboia que dissimulava o homem, o seu andamento apressava-se. Seus passos ecoavam no vasto telhado de cimento, banhado pelo sol, e o ruído que produziam era pesado e grave.

Quando ia a transpôr a claraboia perigosa, estacou de súbito. O seu ardil dera resultado.

O homem formara um pulo e estatelara-se a seus pés com um ruído surdo.

Jim não hesitou. Reiniciando a corrida, passou por cima do corpo do seu adversário, calcando-lhe fortemente os rins, arrancando-lhe um grito de dor.

— Mais outro com o seu quinhão! — gritou êle, com um sorriso, continuando a correr.

Quando, descendo uma nova escada de serviço, chegou junto do automóvel em que o amigo esperava, Jim vinha alagado de suor.

— Agora, amigo Roget, a tóda a força para fora deste bairro, não venha ainda algum tiro para despedida.

Roget pôs o carro em movimento.

— Então? — indagou êle. — Foi muito difícil a empresa?

— Como quase tódas! — respondeu Jim.

E continuou:

— O que lhe posso garantir é que cheguei no momento psicológico. Estavam tirando a medida do pescoço deste excelente senhor Murray.

O pequeno inspetor, encolhido a um canto, gemeu:

— Devo-lhe a vida!

Jimmy Turney encolheu os ombros, pondo assim termo, à nascenta, à torrente de agradecimentos que o homem parecia querer iniciar.

Quando no gabinete de Stevens irromperam Murray, Roget e Jim, êste último trazendo às costas o pequeno chinês, o oficial de polícia teve um grito de surpresa.

— O que é isso! — exclamou rindo Jimmy Turney. — Depressa, uma cadeira para Stevens que vai desmaiar — rematou êle em tom galhofeiro.

— Meu caro Jim — começou o outro — eu não sei como agradecer-lhe o que tem feito por mim.

— Vamos adormecer — disse Jim para os companheiros. — Sentem-se a amigos, vão começar as saudações oficiais.

# Uma curiosidade histórica

De J. D. SILVEIRA

Pedro II inaugurando a estrada União e Indústria — Os convivas e a ordem da comitiva — Uma estrada que ligaria Minas, Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro.

Há oitenta e oito anos, no dia 18 de março de 1858, foi inaugurada a 1.ª secção da estrada União e Indústria, empreendimento de grande vulto, de iniciativa do brasileiro Mariano Procópio Ferreira Lage.

Pela manhã desfilaram, partindo do portão do palácio imperial, a Rua da Imperatriz, hoje Avenida 7 de Setembro, seguindo as carruagens de Suas Majestades e Altezas Imperiais, os outros veículos em que iam os convidados, num total de 30 carros.

Aos carros imperiais seguiram as primeiras diligências chegadas da Inglaterra, na qual iam os convidados oficiais.

Na primeira tomaram assento o conselheiro Souza Franco, ministro da Fazenda, e senhora; Antonio Nicolau Tolentino, presidente da Província, e dr. Cardoso, seu secretário.

A segunda conduzia o conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, barão do Bom Retiro; o dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá, chefe de Polícia da Província; Manoel Ferreira Pinto, presidente da Companhia Mauá; Líno Armando, fazendeiro em Barbacena e um dos maiores acionistas da Empresa União e Indústria, e nos demais carros os outros convidados.

No comêço da Westphalia havia um arco com o dístico — "Vivão SS. MM. Imperiais" — e, pouco mais adiante, via-se a lápide comemorando a cerimônia, adornada com flores, onde ainda se lê:

"Sob a alta proteção de S. M. o Imperador e em presença de S. M. a Imperatriz, a Companhia União e Indústria começou a construção desta estrada em 12 de abril de 1855".

Na Samambaia havia outra inscrição:

"A Companhia União e Indústria contratou a construção desta estrada com o conselheiro L. A. Barbosa, presidente da Província, em 18 de março de 1855".

Na ponte do Retiro estavam quatro colunas com os seguintes dizeres:

"Viva S. M. o Senhor D. Pedro II, Viva S. M. a Imperatriz, Viva a Nação Brasileira e à Barra do Rio das Velhas".

— Não brinque — repreendeu Stevens. — Tenho instruções, meu caro Jim, para lhe oferecer o lugar de inspetor-chefe de polícia. Têm sido de tal modo relevantes os seus serviços, que é um galardão bem merecido.

Depois de ter pousado cautelosamente o chinês no chão, Jim sentou-se numa poltrona.

— Simplesmente ridículo — começou êle com ar sério.

E ante a cara perplexa de Stevens.

— E então você não vê que o verdadeiro sabor das minhas aventuras reside, precisamente, no dilettantismo? Julga-me capaz de me tornar um funcionário com ponto, horário, obrigações?! Tenha juízo, Stevens.

— Mas, Jim... começou o outro.

— Olhe! — cortou rápido o detetive amador. — Eu não tenho mais tempo para conversas. Aqui tem o Murray cujo destino tanta ansiedade lhe causava, êste — continuou êle indicando o corpo estendido no chão — é o Ling-Chang, monopolista do contrabando de ópio e que disfarça o negócio com um botequim.

E vendo que Stevens ia falar.

— Já sei o que vai perguntar. Foi nas docas, junto de amigos que lá tenho, que consegui tódas estas informações. Se consegui soltar um e prender o outro foi porque a minha boa estrela não quis ainda que eu fosse para os pelxinhos.

E cortando com um gesto novo ensaio que Stevens fizera para tomar a palavra:

— Só resta agora uma busca no bairro chinês que tudo ficará esclarecido. Se quiser informações complementares, peça-as ao Murray porque ninguém está mais habilitado a dá-las do que êle... adeus, volto para a cama de onde você me arrancou às cinco horas da manhã.

E fez um gesto de despedida.

— Vamos? — exclamou para Roget.

Os dois homens saíram, deixando Stevens com uma cara de espanto e incapaz de articular palavra.

Simbólica alusão ao caminho que devia ligar as províncias de Minas, Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo e Bahia ao Rio de Janeiro.

Na povoação de Sumidouro estavam as janelas das casas adornadas com vistosas colchas de seda, como era costume naquela época.

Sua Majestade, em carro descoberto, atentamente observava o que ia encontrando no longo trajeto.

Ao chegar a Pedro do Rio, uma banda de música executou o Hino Nacional, dando o delegado de Polícia os vivos do estilo, como era da pragmática da época.

Suas Majestades e Altezas Imperiais foram recebidos pela Camara Municipal da Paraíba do Sul, representada por todos os vereadores, os barões de Piabanhá, do Rio Novo e da Paraíba, pelo dr. Martinho Alves da Silva Campos, Roberto Malpas, delegado de Polícia, e o secretário da Companhia União e Indústria, conselheiro José Machado Coelho Castro, e os representantes das três grandes fôlhas da côrte.

Às 11 horas foi servido o almoço oferecido pela Companhia.

Em local separado, ao fundo da sala, estava a mesa para a família imperial.

Antes de terminar o banquete, o comendador Mariano Procópio proferiu as seguintes palavras:

"Senhor! Permita Vossa Majestade que, em nome da Companhia União e Indústria, agradeça a Vossa Majestade e Sua Majestade a Imperatriz e Suas Altezas a honra que dignaram conceder-lhe, assistindo a inauguração da 1.ª secção da Estrada União e Indústria".

Terminado o almoço e depois de breve descanso, partiram de Pedro do Rio, debaixo de aclamações, tomando a direção de Petrópolis, onde chegaram ao escurecer.

No dia seguinte, principiaram as viagens regulares entre Petrópolis e Pedro do Rio.



## O DISCO DA MORTE

[Conclusão da página cinco] xo. Mamãe está doente e eu vim buscá-lo.

Assim falando, trepou nas costas do pai e rodeou-lhe o pescoço com os braços.

— Anda paizinho, vamos. — Pobre filha! Não posso, é preciso que eu vá com êles.

A criança desceu e, correndo em direção do oficial, bateu com fôrça o pézinho no chão, dizendo, indignada:

— Já lhe disse que mamãe está doente, está ouvindo? Quero que deixe papai ir comigo.

E Abby, como um relampago, deixou o aposento, voltando logo em seguida com Cromwell pela mão.

Com a terrível aparição, todos se ergueram. Os oficiais fizeram continência e os soldados apresentaram armas.

— Proiba-lhe, senhor, mamãe está doente, vim chamar papai e querem levá-lo.

O Lord General gritou:

— E' teu pai, meu bem?

— Naturalmente que é meu pai, foi por isto mesmo que lhe dei o disco mais bonito, o vermelho. Gosto tanto dele...

— Que fazer, meu Deus! Que fazer? — exclamou Cromwell.

Abby, desolada e impaciente, apertou com mais fôrça a mão do Lord General, dizendo:

— E' preciso que o senhor o deixe ir comigo. Há pouco prometeu-me que faria tudo que eu ordenasse e, no entanto, a primeira coisa que mando, o senhor nega.

A fisionomia de Cromwell iluminou-se como por encanto e, colocando a mão na cabeça da criança, disse alto:

— Agradecemos a Deus ter-me inspirado essa promessa, e agradeço, também, a ti, incomparável menina, de m'a teres lembrado. Oficiais — acrescentou — obedeçam a sua ordem, ela fala em meu nome. O prisioneiro está perdoado, ponham-no em liberdade.

# AGULHA & LÃ

## BLUSA DE LÃ EM AMARELO OURO ORNADA DE BOTÕES MARRONS

**MATERIAL NECESSÁRIO** — 250 gramas de lã mesclada com rayon-ne de dois fios; 2 agulhas de 3 milímetros; 5 botões (manequim n. 42).

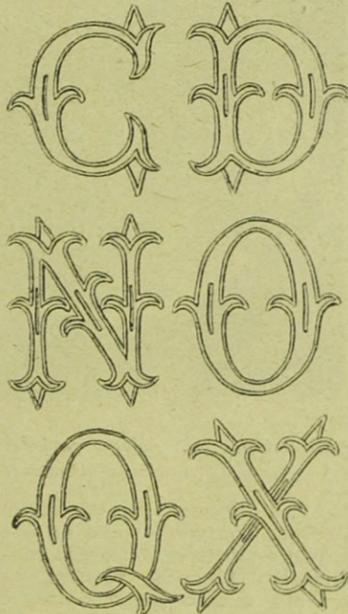
### PONTOS EMPREGADOS

- 1.º — Ponto de Gaita — 1 malha direito, 1 malha avesso.
- 2.º — Ponto de Xadrez — Este ponto executa-se com um múltiplo de 4 malhas.
- 1.ª carreira — Duas malhas no direito, 2 malhas no avesso.
- 2.ª carreira — Duas malhas no direito, 2 malhas no avesso.
- 3.ª carreira — Duas malhas no avesso, 2 malhas no direito.
- 4.ª carreira — Duas malhas no avesso, 2 malhas no direito.
- 3.º — Ponto de Gaitas com Ajour — Executa-se com um múltiplo de 5 malhas.
- 1.ª e 3.ª carreiras — Três malhas no diieto, 2 malhas no avesso.
- 2.ª carreira e as carreiras pares seguintes — Duas malhas no direito, 3 malhas no avesso.
- 5.ª carreira — Uma malha no direito, 1 lance, 2 malhas juntas no direito, 2 malhas no avesso.
- 7.ª carreira — Faz-se como a primeira e assim por diante.

**EXECUÇÃO** — Montam-se 110 malhas, tricotam-se em ponto de gaita com ajour; a 10 cms. de altura total, aumenta-se de cada lado 3 vezes uma malha cada centímetro, 7 vezes 1 malha cada 2 centímetros.

A 25 cms. de altura começa-se a fazer, na frente, ao centro, a fenda, separando as malhas em 2 partes iguais. Deixa-se o lado esquerdo em suspenso. Tricota-se o outro. Fazem-se 6 carreiras e então principia-se a pala, em ponto de xadrez, executando-se as duas primeiras malhas da fenda, pelo avesso; continua-se o viés da pala, fazendo cada 4 carreiras 2 malhas suplementares em ponto de xadrez, até esgotarem-se as malhas, mas a trinta centímetros de altura to-

tal começa-se a cava, derrubando de 2 em 2 carreiras 8 malhas 6 vezes 2 malhas, continua-se então tudo direito. A 45 centímetros de altura total forma-se o decote derrubando, cada 2 carreiras, 12 malhas, 4 malhas, 2 malhas; quando a cava estiver medindo 18 cms. de altura, derruba-se o viés do ombro, 4 vezes, 6 malhas de cada 2 carreiras; retoma-se agora para o lado esquerdo, que ficara à espera, e montam-se 5 malhas do lado da fenda; forma-se, como do lado direito, a pala, a cava e o viés do ombro, mas para o decote, a 45 cms. de altura derrubam-se cada duas carreiras 17 malhas, 4 malhas, 3 malhas, 2 malhas.



Para os lenços

**BROINHAS DE CÔCO** — 580 gramas de açúcar em ponto de calda expressa; 500 gramas de côco da Bahia ralado; cinco ovos, sendo só 3 com claras. Junta-se o côco ralado à calda quase fria, com os ovos bem batidos e leva-se ao fogo novamente para cozer até que se despeje do fundo da panela ao mexer-se com uma colher de pau. Despeja-se a massa em um prato e guarda-se para o dia seguinte. No momento de preparar as broinhas, molham-se as mãos em clara de ovo, sem bater, e vai-se fazendo uns bolinhos alongados com porções iguais da massa de côco, e vão-se arrumando em tabuleiros forrados de manteiga, depois de passá-las por manteiga e por farinha de trigo. Forno bem quente para corarem rapidamente.

**VIENENSES** — Batem-se sete gemas com 200 gramas de açúcar, e depois juntam-se 200 gramas de farinha de trigo, cinquenta gramas de amêndoas torradas e socadas, cinquenta gramas de passas de Corinto, cinquenta gramas de chocolate em pó e cinquenta gramas de laranja cristalizada, cortados em quadradinhos miúdos. Batem-se primeiro as gemas com o açúcar, juntando-se depois os demais ingredientes e por último, depois da massa bem ligada, as sete claras batidas em neve. Leva-se a massa ao forno, estendida em tabuleiros bem untados de manteiga e depois de assada, deixa-se esfriar e, na própria forma, corta-se es pequenos losangos que se passam por açúcar cristal e arrumam em pratos sobre pequenos guardanapos de renda.

**ROSQUINHAS FERVIDAS** — Amassam-se, até o ponto de enrolar, os seguintes ingredientes, 500 gramas de farinha de trigo peneirada, 10 gemas cruas, 5 claras batidas em neve, um pires de fermento de pão, uma colher de banha, outra de manteiga e sal suficiente. Pronta a massa, fazem-se as rosquinhas, bem delicadas, e deixam-se descansar, durante uma hora, sobre uma táboa enfarinhada, em lugar abafado. Passado esse tempo, põe-se a ferver uma panela com água e quando levantar a fervura, vão-se pondo nela as rosquinhas que, logo depois

**COSTAS** — Montam-se 110 malhas; a 10 cms. de altura aumenta-se de ambos os lados como na frente. A 25 cms. de altura, principia-se a pala, com 2 malhas no avesso; no meio da tricotagem, forma-se o viés da pala como nas partes dianteiras; mas a 30 cms. de altura, diminuem-se de cada lado, para as cavas, 10 cms., 3 malhas, 2 malhas, cada 2 carreiras. Quando as cavas medirem 16 cms. de altura, enviesam-se os ombros, derrubando para cada ombro, 2 vezes 7 malhas, 2 vezes 6 malhas, cada 2 carreiras; derrubam-se as 48 malhas que restam para o decote.

**MANGAS** — Montam-se 50 malhas; tricotam-se as mesmas em ponto de gaitas 1 e 1. A 3 cms. de altura, aumenta-se de cada lado, 5 vezes 1 malha cada 8 carreiras, 24 vezes 1 malha cada 4 carreiras, 6 vezes 1 malha cada 6 carreiras. Quando a manga medir 46 cms. de altura, forma-se o arredondado derrubando, de cada lado, cada duas carreiras 5 malhas, 4 malhas, 2 vezes 3 malhas,

20 vezes 2 malhas; ficam então 10 malhas, que se derrubam.

**GOLA** — Montam-se 120 malhas; tricotam-se em ponto de gaitas 1 e 1; a 6 e meio cms. de altura, derrubam-se tôdas as malhas.

**MONTAGEM** — Fazem-se as costuras das partes de baixo do braço e as dos ombros. Pregam-se as mangas nas cavas, depois de ter costurado as mangas, colocando a dita costura sobre aquela das partes inferiores dos braços. Co-se-se a gola no decote, 5 botões do lado esquerdo da fenda. Fazem-se defronte, do lado direito, 5 alças com lã amarela.

### CACHECOL

Tomar 120 malhas na agulha. É feito em ponto duplo.

1.ª carreira — Uma malha sem fazer, 1 malha lisa, 1 malha sem fazer, 1 malha de meia, 1 malha sem fazer, 1 malha de meia, assim até a penúltima e última malha que se fazem lisas.

2.ª carreira — Fazer igual à 1.ª carreira, assim até ficar com 105 centímetros de comprimento.

Alí arrematar tôdas as malhas. Fazer uma carreira de chochê em ponto baixo, nas extremidades e colocar uma franja.

### BERÇO



*Recordo: um largo verde e uma igreja, um sino, um rio, um pontilhão e um carro De três juntas bovinas que ia e vinha Rinchando alegre, carregando barro.*

*Havia a escola, que era azul e tinha Um mestre mau, de assustador pigarro... (Meu Deus! que é isto? que emoção a minha, Quando estas coisas tão singelas narro?)*

*Seu Alexandre, um bom velhinho rico Que hospedara a Princesa; o tico-tico Que me acordava de manhã, e a serra...*

*Com o seu nome de amor Boa-Esperança, Eis tudo quanto guardo na lembrança Da minha pobre e pequenina terra!*

B. LOPES.

# FORNO & FOGÃO

sobem à tona, quando se retiram com uma escumadeira e vão-se pondo sobre peneira de palha para escorrerem bem. Por fim, passa-se manteiga salgada e derretida sobre as rosquinhas que se arrumam em tabuleiros untados de gordura e levam-se ao forno para torrar. São deliciosas quando servidas quentinhas.

**REVOLUCIONÁRIOS** — Com um quilo de açúcar branco faz-se uma calda em ponto de fio, e deixa-se esfriar completamente. Em uma vasilha de louça põem-se meio côco da Bahia, ralado; uma e meia xícara de farinha-creme de arroz, três xícaras de leite, doze gemas cruas e 115 gramas de manteiga derretida, mas fria. Mistura-se tudo muito bem, e depois junta-se tudo à calda, continuando-se a mexer para ligar. Em seguida leva-se ao fogo, mexendo com uma colher de pau, para não pegar, e deixa-se cozinhar um pouquinho. Deixa-se esfriar a massa e com ela enchem-se forminhas minúsculas, bem barradas de manteiga, que se levam ao forno para assar até tostar por cima. Servem-se em caixetas de papel frisado.

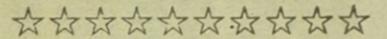
**BOCADINHAS DE OURO** — Passa-se por um ralador, a polpa de um bom côco da Bahia, e leva-se ao fogo brando, com igual peso de açúcar, deixando-se ferver até que, facilmente, se despeje do fundo da caçarola, quando afastada a massa com uma colher de pau, tendo-se o cuidado de não deixar pegar. Tira-se então do fogo, deixa-se esfriar um pouco, juntam-se 6 gemas, mexe-se para misturar bem, leva-se, de novo, ao fogo, mas não se deixa ferver. Unta-se com bastante manteiga, uma táboa ou pedra mármore, sobre ela espalha-se a massa de côco e deixa-se descansar por 24 horas. Com a boca de um cálice de licor, recortam-se da massa estendida, rodinhas, que se desprendem com o auxílio de uma faca, e se passam por açúcar cristalizado, colocando cada uma

numa caixeta de papel frisado e pondo-lhes ao centro, uma cabeçinha de cravo da Índia.

**DELICIOSOS** — Desfaça-se ao fogo brando, até formar uma espécie de creme, 270 gramas de açúcar com 75 gramas de manteiga. Junte-se depois a esse creme, 5 ovos bem batidos, 250 gramas de maizena e 90 gramas de fermento em pó, e por último 9 colheres de leite, batendo-se tudo até abrir bolhas. Despeje-se a massa num tabuleiro de fôlha bem untado de manteiga e leve ao forno para assar. Ao retirar o tabuleiro do forno, cubra a superfície da massa com um "glacé" que endureça bem, e depois de frio, com uma faca de ponta, bem afiada, recorte a massa formando pequenos losangos, que se dispõem em pirâmides em pratos enfeitados com guardanapos de papel chinês.

**BOLINHOS DE NOZES** — Passam-se na máquina, mais fina, 250 gramas de nozes perfeitas, a que se misturam, em seguida, 250 grapas de um limão verde, pequeno, e duas colheres, rasas, de farinha de trigo. Se a massa não ficar em condições de enrolar na palma da mão, põe-se mais um pouco de farinha de trigo. Fazem-se bolinhas, bem iguais, e levam-se ao forno em tabuleiro de lata bem polvilhado de farinha. Depois de assadas as bolinhas, arrumam-se em caixetas de papel frisado e colorido.

**BOLO CABOCLO** — Bate-se muito bem uma xícara de açúcar preto com duas colheres de manteiga, juntando-se depois duas gemas cruas. Desmancha-se, em banho-maria, meio paude chocolate em uma colher de água, e depois mistura-se, aos poucos, uma xícara de leite, despejando-se tudo à massa do açúcar com manteiga e gemas, e depois juntam-se duas xícaras de farinha de trigo peneirada. Bate-se até abrir bolhas e por fim juntam-se as duas claras batidas em neve, e por último,



Extremamente encantador, eis um modelo sóbrio, que servirá a qualquer idade. Poderá ser em tecido miúdo ou com grandes pastilhas brancas em fundo branco, como o que vemos junto



Vestidinho preto, muito juvenil. A blusa com larga pala é enfeitada com cadarço de tonalidade salmão. Não é um interessante detalhe?

## A INDÚSTRIA DO RADAR

Quando a guerra acabou, a indústria do radar, nos Estados Unidos, já era muito maior que a do rádio: durante o ano de 1944, foram produzidos mais de um milhão de dólares de sistemas de radar, válvulas e acessórios, graças à intensa cooperação entre os laboratórios governamentais, 200 fabricantes principais, e perto de 8 mil produtores secundários. Agora, infelizmente, já podem ser notados indícios de que essa cooperação terminará num a verdadeira luta entre os interessados, pela propriedade e utilização das patentes tiradas durante a guerra, e que, nesse período, foram utilizadas em comum por todos. As divergências entre os produtores de radar nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, tornam a situação ainda mais séria, de tal forma que as autoridades militares parecem contemplar a possibilidade de sua intervenção.

A história da indústria do radar, nos Estados Unidos, tem início em 1938, quando a Marinha, depois de dezesseis anos de estudo mandou realizar experiências em alto mar, com dois aparelhos. Um deles tinha sido fabricado pelo seu próprio laboratório de pesquisas, o outro pela RCA: o da marinha mostrou-se o melhor, capaz de determinar a posição de um "destroyer" a oito milhas de distância. Ao mesmo tempo, o exército encarregava outras empresas, da fabricação de aparelhos de radar para detecção em terra.

O radar, na Grã-Bretanha, já se encontrava mais adiantado: é que os ingleses procuravam tê-lo aperfeiçoado antes do início da guerra. Em outubro de 1940, físicos britânicos foram para os Estados Unidos, para verificar, com os cientistas americanos, os conhecimentos que ambos os países já possuíam. Trouxeram consigo uma válvula, "magnetron", a contribuição mais importante para a fabricação do

radar — o gerador de micro-ondas de alta frequência mais eficiente que se conhece.

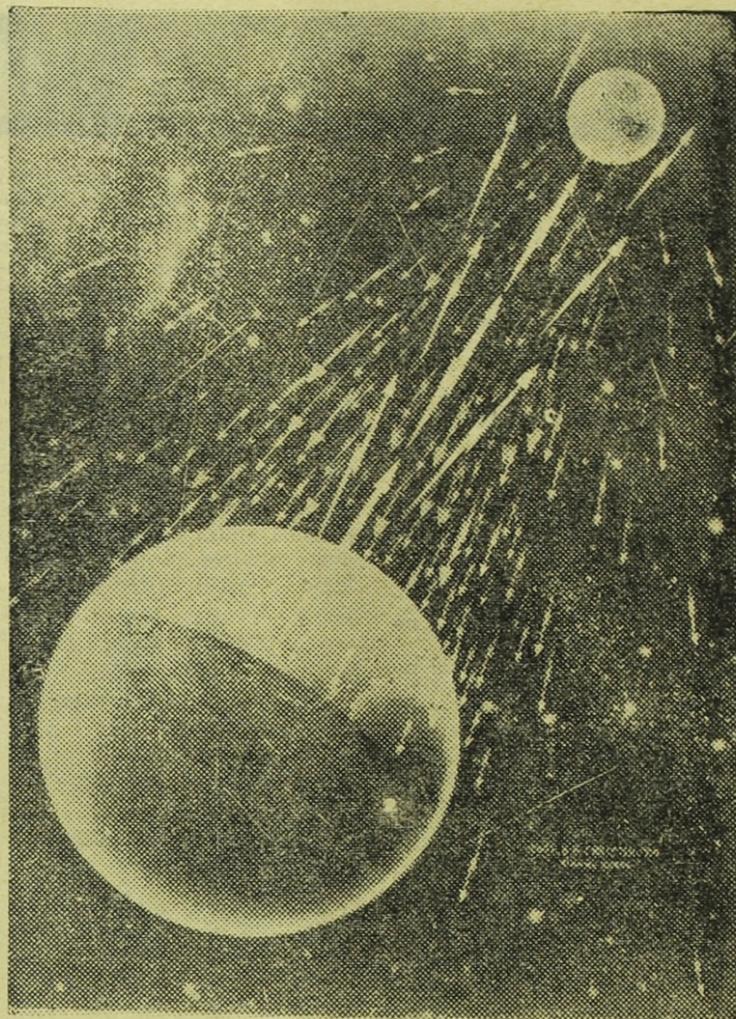
Até então, os aparelhos de radar, ingleses e americanos operavam em frequência relativamente pequenas, de algumas centenas de milhões de ciclos, em ondas longas. As imagens eram confusas, difíceis de serem interpretadas, tão diferentes das que, mais tarde, foram obtidas com as micro-ondas, como as atuais películas cinematográficas das que eram exibidas há alguns anos. Outras desvantagens podiam também ser notadas nos primeiros aparelhos, que os tornavam pouco aproveitáveis: era preciso, portanto, antes de mais nada, elevar as frequências para o campo das micro-ondas — com o que se tornaria possível fabricar aparelhos mais compactos, e obter imagens melhores — e, depois, desenhar e produzir todo esse equipamento para utilização pelas forças armadas. Para a realização desse programa, foram convocados os principais laboratórios da indústria elétrica dos Estados Unidos. Os aperfeiçoamentos obtidos em pouco tempo nesse período de intensa atividade foram tão rápidos, que muitas vezes algumas peças, ainda em fabricação tornavam-se obsoletas antes mesmo de serem experimentadas. Apesar disso, as forças armadas iam recebendo e aproveitando tudo o que pudesse ser feito, sem aguardar os últimos modelos — que só em 1943 entraram em produção em massa.

O esforço dedicado ao desenvolvimento do radar, até dezembro de 1941, foi quase nada, se comparado ao que se verificou depois disso. De toda a parte, vinham pedidos urgentes de equipamentos completos de radar, cuja necessidade todos podiam compreender. Por essa razão muitas outras firmas, que até então não se tinham

dedicado aos trabalhos relacionados com a fabricação do radar, fizeram convergir seus esforços para a produção, em grande quantidade, de aparelhos reconhecidamente essenciais à luta. Todas cooperavam, algumas apenas continuando com as pesquisas tendentes a tornar os aparelhos ainda mais eficientes. Aos poucos, a produção foi aumentada, de maneira a atender às exigências do consumo crescente: em 1943, quando se verificou a necessidade de realizar bombardeios de precisão contra as instalações inimigas, novo esforço foi preciso exigir, para a produção, rapidamente, de aparelhos de radar que auxiliassem essa tarefa, bem como a navegação os aviões.

A cooperação entre as empresas norte-americanas que participaram desse esforço notável, termina com a guerra. Será difícil, agora, fixar com exatidão a contribuição individual de cada uma delas, para a realização do feito extraordinário que representa a indústria do radar. De qualquer maneira, é lícito salientar o que fizeram duas empresas — o Radiation Laboratory e os Bell Telephone Laboratories — na pesquisa e na produção dos aparelhos de radar. A firma associada aos Laboratórios Bell, a Western Electric Co., produziu, em 1944, 340 milhões de dólares desse equipamento. Logo após em valor de produção, vem a General Electric, com um total de 300 milhões de dólares: esta firma contribuiu, sensivelmente, nas experiências e no desenvolvimento realizado. São estas as quatro firmas principais.

No momento, o problema todo se resume no controle das patentes: muitas sugestões foram feitas, fazendo-se notar a que propõe a formação de um departamento encarregado de centralizá-las todas, emitindo as autorizações indispensáveis. São de 2.000 a 3.000 patentes, as essenciais à fabricação dos



Ondas emitidas pelo radar e enviadas da Terra à Lua, conforme a experiência realizada ultimamente nos Estados Unidos.

aparelhos de radar, que causariam balbúrdia incrível, se não fosse possível estabelecer um órgão centralizador. O que se verifica, no momento, é uma queda brusca e considerável, nos trabalhos de fabricação do radar: do extraordinário total de vendas, conseguido no ano passado, a indústria diminuirá bastante, devendo sentir-se satisfeita se atingir a 175 milhões, nos primeiros anos após a guerra, com a entrega ao consumo civil e militar de aparelhos apropriados. A própria indústria reconhece que poucas serão as aplicações comercializáveis do radar, agora depois da guerra: entre as principais estão os sistemas de segurança para

aviões, de navegação transoceânica e transcontinental; altímetros aperfeiçoados, e aparelhos especiais para evitar colisões com montanhas, linhas transmissoras de energia, outros aviões, etc.; sistemas para aterrizagens em voo cego, em más condições atmosféricas. Na navegação marítima o radar poderá encontrar algum emprego, e, assim também, na observação meteorológica.

Por enquanto, está claro, tudo isso não passa do princípio da utilização do radar: este, como o rádio, poderá ser, futuramente, objeto de uma expansão industrial imensa e ainda difícil de ser avaliada.

## Por que não ha vulcões no Brasil ?

De R. ARGENTIÈRE



A natureza se compraz em dar ao Brasil muitas coisas belas, como também a ausência de coisas horríveis.

Entre elas está a ausência de vulcões em nosso território. Não temos aqui, neste seio de Abraão, o triste espetáculo das multidões presas de pânico fugindo espavoridas diante de vulcões e terremotos, que reduzem a escombros, num abrir e fechar de olhos, povoados e cidades inteiras que tanto trabalho deram para ser levantados. Por que não existem no Brasil vulcões? O nosso território seria privilegiado ante os outros? Para responder a estas perguntas é necessário fazer algumas considerações.

### VIDA E DISTRIBUIÇÃO DOS VULCÕES

Os vulcões se assemelham muito à vida humana: nascem, vivem e morrem. Como se sabe o Vesúvio teve sua primeira erupção no ano 79 depois de nossa era. A vinte e oito de setembro de 1759, no México, ante os olhos assombrados dos presentes viu-se em Jorullo nascer um vulcão. Infelizmente nesta época não se conhecia a fotografia, motivo pelo qual este acontecimento ficou sem registro visual. O Jorullo que fica a 1.300 pés de altura está hoje quase extinto. O Izalco, no Salvador, que irrompeu em 1770, continua ainda em atividade. Há na América Central vulcões que irrompem bruscamente, descarregam suas lavas e voltam novamente à inatividade. De vez em quando surgem no Oceano Pacífico, principalmente nas imediações do Japão, pequenas ilhas que depois de alguns dias se transformam em vulcões. Passado algum tempo esses vulcões se extinguem e as ilhas voltam de novo para o seio das águas. Os vulcões, que presentemente

estão em atividade excedem a 500 (quinhentos). Formam um semi-círculo em torno do Oceano Pacífico. Eles se estendem pelos Andes, tomam a direção da América Central, atingindo o México, os Estados Unidos, o Alasca, as Aleutas, passam para a Ásia, infletem para Kamchatka, o Japão, as Filipinas, oeste da Índia e várias ilhas no Pacífico.

### AS ORIGENS DOS VULCÕES

Não há muito tempo, numa planície situada ao noroeste da cidade do México, perto da aldeia de Paramgaricutiro, a terra deu ori-

gem a um vulcão. Isto não é coisa de causar espanto. Acontece, porém, que, desta vez, o acontecimento foi presenciado por um sábio especializado nesses assuntos. O privilegiado observador que viu o fenômeno desde o primeiro jato de fumaça, tomou a temperatura da terra, coletou os sub-produtos e observou a montanha crescer com a rapidez do raio, foi o senhor Frédéric Pough, do Museu Americano de História Natural de Nova Iorque. O homem civilizado

não tivera oportunidade de assistir a um milagre de tais proporções desde o século XVIII.

A experiência do sr. Pough traz a baila um tema que nunca ficou devidamente esclarecido: que é realmente um vulcão? O vulcão não constitui nenhuma chaminé de escape para os gases que fluem do incandescente núcleo central de nosso planeta, como até há pouco se acreditava. Hoje os geólogos estão inclinados a acreditar que este núcleo não é formado por uma massa ignea. A primeira teoria sobre a origem dos vulcões foi formulada pelos romanos. Para eles

a coisa era muito simples de explicar. Um vulcão era obra do ferreiro dos deuses, Vulcano, cujas forjas alojadas em cavernas subterráneas lançavam chuvas de fogo e cinzas através de suas chaminés. Muitas outras teorias foram arquitetadas para explicar a origem dos vulcões.

Foi nestes últimos anos que se encarou com a maior seriedade este estudo. As ondas de rádio desempenharam um papel importante no exame da constituição de nossa terra. Estas observações mostram que os vulcões não têm absolutamente nada que ver com o centro da terra. Representam distúrbios limitados, talvez jamais cheguem a profundidades maiores de 1.200 quilômetros. Sua origem se deve certamente a atividades químicas ou radioativas de determinada espécie. De uma maneira que ainda não se conhece, estas bombas radioativas entram em funcionamento, começam a bater nas massas pétreas que se encontram em suas proximidades aumentando a área afetada a medida que cresce a própria atividade, as rochas batidas, cinzas e produtos derivados da intensa combustão abrem caminho aproveitando as falhas na massa rochosa imediata à superfície, dando assim origem ao que denominamos vulcões. Em algumas ocasiões estas massas em combustão sobem a superfície, onde explodem dando origem a enormes cumes e picos de grandes alturas. Outras vezes, o material sobe com toda tranquilidade inun-

Conclua na 6.ª página



Visão noturna de uma das últimas erupções do Vesúvio, vendo-se as lavas incandescentes descendo as encostas da montanha

Editor responsável:

SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI]  
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo